

José de Mesquita
Do Instituto Histórico e da Academia
Mattogrossense de Letras

No Tempo da Cadeirinha

Contos



ESTANTE MATOGROSSENSE — Vol. V
— 1946 —
ANO JUBILAR DA A.M.L.

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(•10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

ÍNDICE

PARECER	4
O SALAMALEQUE DE PAI JOÃO	5
A ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS	11
TIBARANÉ	17
A VOLTA DA TROPA	25
A PROMESSA DE JOÃO GUALBERTO	32
O DRAMA DO “ARROMBADO”	40
O MILAGRE DE FREI MACERATA	61
A MÃE DOS RECRUTAS	64
A MANDINGA	70
HUMILDE HEROISMO	80
A ÚLTIMA LUMINÁRIA	92
O QUE TEM DE SER	103
A CORTINA BRANCA	117
AS FLORES DE SINHA CUSTÓDIA	126

PARECER

Pede José de Mesquita o auxílio de que trata o art. 3º do Dec. Lei nº 744, de 18 de janeiro do corrente ano, para a edição do livro de sua autoria — “NO TEMPO DA CADEIRINHA”.

Forma o volume uma colecção de 14 contos já bastante conhecidos e apreciados pela critica. O nome do autor é a primeira recomendação para o novo livro. Presidente da Academia Matogrossense de Letras, sócio correspondente de numerosas Sociedades literárias, polígrafo infatigável, de estilo ameno e correto, os seus trabalhos são sempre, avidamente procurados pelos apreciadores do Bom e do Belo. Em “NO TEMPO DA CADEIRINHA” essas qualidades do autor são grandemente realçadas pelo sabor regionalista apreciado em cada uma das suas páginas. O tradicionalismo dos nossos costumes, do nosso folclore, o debuxo rápido, mas sempre vivo, da nossa natureza sempre rica e bela, a arguta simplicidade do nosso matuto, as suas arraigadas superstições e crendices, as suas festas barulhentas e os seus amores sem alardes e lânguidos, tudo nos leva a querer, sempre mais, a língua que falamos, a terra em que nascemos e a gente que a habita. E o livro que tais affectos robustece deve ser bem acolhido e divulgado. As razões acima, enumeradas, dizem bastante da justiça no deferimento das pretensões requeridas.

Cuiabá, 11 de abril de 1946.
(a.a.) PHILOGÔNIO CORREA — relator.
MARIA DE ARRUDA MULLER
ISÁC PÓVOAS.

O SALAMALEQUE DE PAI JOÃO

A Estevão de Mendonça

A vila real do Bom Jesus pompeava o esplendor dos seus grandes dias festivos, afim de receber, com as honras devidas à fama que o precedia, o oitavo governador da Capitania, João Carlos Augusto d'Oeynhausen Gravenburg. Era pelos primeiros dias de outubro do ano de 1807. A própria natureza, renascente ao entrar das águas, como que secundava o empenho dos cuiabanos em festejar condignamente o alto representante da Metrópole que, pela via do sertão, se fazia rumo da nova capitania que lhe fora destinada.

Já nas do Grão-Pará e do Ceará, que lhe coubera anteriormente administrar, revelara dotes especiais que muito o recomendavam no conceito da Coroa e faziam as esperanças justificadas dos seus futuros jurisdicionados. Daí o regozijo, o trepidante entusiasmo com que, desde o presidente do senado e juiz de fora da vila, vereadores

e republicanos, até o último miliciano e derradeiro homem da patuleia, se aprestavam para dar ao futuro marquez de Aracati mostras evidentes da alviçareira alegria que a todos infundia a sua chegada.

As festas que se projectavam, com luminárias durante três noites, carros de alegoria, representações teatrais e cavalhadas — isto só pela parte profana, sem falar nas grandes solenidades religiosas — deveriam marcar época na memória dos moradores da Vila e suas cercanias. E um frêmito de vida agitava o burgo colonial, irradiava-se pelos *engenhos* da serra, pelas *sitiolas* do rio abaixo e acima, em uma ruidosa expansão de alacridade, que vinha quebrar por algum tempo a monotonia daqueles dias silenciosos em que Cuiabá dormia, à sombra dos seus morros, no seu poético vale, por onde a Prainha, engrossada pelas primeiras chuvas, rolava maciamente as águas escuras das enxurradas.

•
••

Certo, porém, que dentre a vasta e heterogênea população que se agitava da Mandioca ao Porto-Geral, dos sobrados aos ranchos, ninguém com tamanho afan e tão justa ansiedade aguardaria a entrada do novo Governador como o velho *pai* João, mais conhecido como o negro *fôrro* do Mestre de Campo. E isso, porque *pai* João conhecera Oeynhausen na Corte, quando ainda

guarda-marinha, na flor da sua mocidade. Vindo depois para o Brasil, dera com o costado neste *cafundão*, como costumava dizer, e, com insopitada alegria, ouvira falar que vinha agora de Governador o seu antigo patrãozinho de Lisbôa. *Pai* João não tinha mãos em si de contente. Preparava a sua melhor indumentária com qual no dia da chegada, deveria apresentar-se, no meio do povo, ao Capitão General.

Já uma semana antes sua mulher, a diligente Catirina — como ele a chamava — passara a ferro, com um cuidado meticuloso, o rodapé, o surtum, o colete de Guimarães, a camisa de cassa fina arrendada, não lhe esquecendo sequer o lenço marotinho, muito na voga, que comprara na casa do Ramos Boava. *Pai* João dava-se a tais luxos, pois, conquanto *mina* legítimo, desde que conseguira a sua alforria, logo depois da morte do patrão, o saudoso Mestre de Campo, ajuntara, com o seu trabalho e da *parceira*, regular pecúlio que lhe permitia deitar certa importância entre os seus antigos conhecidos.

Catirina, muito mais nova do que ele, era *benguela* e fora escrava do sargento-mór Albuquerque, primitivo dono do Rio da Casca. Não tinham filhos, o que lhes permitia viver com certa largueza, na sua casinha da subida do Rosário.

Criavam, porém, uma afilhada, a Susana, que *pai* João queria como se filha lhe fosse. Dava-lhe mimos verdadeiramente paternos, pusera-a na

escola do mestre régio, levava-a a passear na chácara que tinham à margem do rio e presenteava-a com jóias que, fruto do seu trabalho, adquiria de *parceiros* arruinados. Ainda pela festa de S. Benedito lhe dera um lindo brinco de aljofres com olhos de mosquitos, que então se usava muito, novidade trazida de Goiaz pelo negociante Navarro para a loja de D. Ana Poupino. Susana foi forra na pia, ao preço de 32 oitavas de ouro, que as pagara *pai* João à sua patroa D. Lucrecia, a conhecida viúva do *sobradinho*. Diziam-na alguns filha de *pai* João: filha ou não, com mimos de pai é que a *crioulinha* sempre fora tratada. E a tal ponto ia a sua afeição pela menina que boquejavam pela vila tencionar o velho pedir ao Governador uma tença que, por sua morte, servisse de amparo à afilhada.

•
••

Ensaivava *pai* João, já na ampla sala de espera da casa de aposentadoria do Governador, a maneira mais adequada e gentil com que deveria saudá-lo.

Em frente ao espelho grande que pendia da parede, espertigava-se todo, punha os olhos em alvo, numa imponente atitude que a sua estatura favorecia e depois, curvado, mesureiramente, num sorriso largo em que punha à mostra a sua invejável dentadura de sexagenário.

— Cumprimento com muito respeito a Vossa Excelentíssima...

Não, pensava, assim não está direito. Devo mostrar um pouco mais de familiaridade, para verem que somos velhos conhecidos.

— Muito gosto em tornar a ver Vossa Ilustríssima...

Mas, também assim pode destoar do protocolo oficial. Melhor será dizer com simplicidade:

— Aceite Vossa Senhoria meus cumprimentos...

Será mesmo este o melhor modo de cumprimentar uma alta personagem? Ou, antes, perfilar-se, em rígida continência, (e ele se punha erecto como uma vara de pálio e com a mão erguida à altura da lustrosa carapinha) e dizer:

— Salve, ilustre governador que El-Rei manda para felicidade destes povos...

Era tão bonito, sim, e fora com essas palavras que o vereador Siqueira saudara Caetano Pinto à sua chegada.

Mas *pai* João, coitado! não lhe satisfazia à mente inquieta nenhuma daquelas fórmulas pragmáticas. Queria algo de mais expressivo de mais original, de seu, e enfim, que atraísse a atenção e a simpatia do Governador. Dava tratos ainda à bola, quando, inopinadamente, sem que o precedesse o oficial ajudante ou qualquer outro da sua comitiva, surge, à porta da sala, no vistoso

fardão e seda carmezim, o contendo severo, sob cabeleira fidalga, a figura magestosa do Governador João Carlos.

Pai João, deslumbrado ante aquela, súbita, aparição, que lhe paralizara, as faculdades pensantes, deixando apenas actuar o instinto atávico que nele dormia, num ímpeto, prostrara-se aos pés de Oeynhausen, de mãos postas, cabiscaido como um hotentote ante o seu fetiche, a murmurar, num assomo de sinceridade em que lhe ia por águas abaixo toda a ensaiada perícia dos hábeis salamaleques estudados:

— SUS CRISTO, meu branco!

A ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS

*A Firmo Rodrigues
in memoriam*

Feio vício a bisbilhotice! Tinha-a de sobejo a Cula, filha de *siá* Teodora, da rua Augusta. Em vão a repreendia a velha, que por ser aquela sua filha única tudo fazia por dar-lhe esmerada educação, sem que, entretanto, lograsse corrigir-lhe tendências que, ao que parece, vinham de seu natural e eram, portanto, insopeáveis ao freio do ensino e dos hábitos.

A conta do pai — um valdevinos, que apesar de ser gente de boa prol, nunca passara de meirinho e vivera sempre às sopas dos parentes — levava *siá* Teodora aquelas más inclinações da menina. E estava sempre a dizer aos conhecidos:

— É vê o Xisto, tal e qual!

Nem que o homem tivesse ressuscitado de saias... O mesmo modo *estrabolegas*... A mesma falta de juízo.

Pobre Xisto! Morrera logo depois das festas do aniversário do ouvidor Ordonhes, nas quais ainda tomara parte, representando em várias peças. Era de uma graça, de um cômico irresistível, saindo de dama, de graciosa e de lacaio. Logo após esses festejos, que duraram todo o mês, lhe veio um defluxão, acompanhado de uma febre maligna, que, em poucos dias, o levou desta para outra.

Çula ficou de dias — nem conhecera o pai. Criara-a a *siá* Teodora, que, com decidido afan, meteu ombros ao trabalho e deu conta da vida. Partidos lhe apareceram, rondando-lhe as portas, mas a todos recusara, que não estava para comprometer o futuro da pequena, nem era capaz de esquecer à seu Xisto a quem, apesar da sua esturdice, sempre estimara leal e sinceramente. E na sua casinha da rua Augusta, perto do beco alto, viviam as duas mulheres, tendo por só companhia o Candonga, cachorrinho jaguapeva de grande estimação, que regulava a idade da Cula — aí por volta dos 18 para os 19.

Cula era afilhada de Jerônimo Joaquim Nunes, em cuja casa, o mais rico solar cuiabano daquelas eras, costumava passar semana, compartilhando dos passeios das *meninas* na *sege* com que o Brigadeiro deslumbra a burguezia da época. Estudara com o Mestre Póvoas, na Cruz das Almas, até conta de dividir, e escrevia regularmente, lendo também menos mal. Mas os

modos... esses nem a escola, nem os rigores maternos lh'os modificaram. Estouvada e trelenta em criança, mocinha continuava a mesma coisa. Vivia pela vizinhança, sempre envolvida em mexericos, pouco dada ao serviço, gostando muito de vestir-se bem e arruar aos domingos, sob pretexto de ir à missa ou visitar as amigas.

— Olha que um dia a casa cai... advertia a velha, mas Cula sorria, fazendo gracioso muchocho e continuava naquela mesma vida de dodivanas e bisbilhoteira.

•
• •

Entrara a quaresma e, como de costume, saía todas as sextas-feiras a “encomendação das almas”. Alta noite, pelas ruas silenciosas e escuras da cidade colonial, ouvia-se, ao som cavo e plangente do rabeção, a voz soturna do *tirador de reza*, a imprecar, a espaços, as orações dos vivos pelos que, no chão frio das igrejas, dormiam o sono de que se não acorda:

— Um *padre nosso* e uma *ave maria* pelas almas...

E, no tom macabro e impressionante de vozes tumulares, ecoava, na noite tétrica, o rumor das preces, misturado com o som merencório dos instrumentos. Havia, diziam, além do acompanhamento, composto de uma dezena de pessoas, vultos que, de caminho, se esgueiravam saindo de velas e bestegas, e misteriosamente,

desapareciam, quando não ficavam parados à porta das igrejas, perto dos cruzeiros, ou das cruzes das esquinas, onde era costume parar a “encomendação”. E, àquelas horas, um frêmito de terror corria pelas alcovas silenciosas, onde crepitava a lamparina aos pés do oratório e os que estavam acordados, se eram corajosos, se levantavam para rezar ou então, se envolviam, da cabeça aos pés, nas cobertas, num estremecimento vago de pavor. Cula, essa nunca se arreceara de nada. Cada vez que ouvia o som do rabeção ao longe, lá pelos lados do páteo, uma vontade lhe vinha de abrir a janela e ver passar o extranho grupo que lhe falava à imaginação exaltada como algo de curioso e impressionante.

Nunca, porém, lho consentiria a velha, medrosa e, demais, conhecedora do gênio irrequieto da filha, que a tudo se expunha, sem escrúpulo, por simples espírito de curiosidade bisbilhoteira. Aquela noite, porém, *siá* Teodora teve de ir a um velório, em casa de uma prima, no Rosário, e a deixara só, recomendando-lhe muito juízo e sossego, dizendo-lhe que voltaria logo. Retardara-se por falta de companhia e, nesse meio tempo, saíra a “encomendação”.

A noite era clara, fria, serena. Quando Cula ouviu, ao longe, o som do instrumento, pôs-se de pé por trás da janela, envolta em sua colcha de Bretanha, o coração aos saltos, no prazer de um

desejo velho que se cumpria. O cortejo se aproximava, lentamente. Já se ouviam, bem distintas as vozes do *tirador de reza* e dos acompanhadores. Ao senti-los defrontar a casinha. Cula entreabriu a rótula e meteu o rosto fora da janela. Viu o grupo, a cuja frente seguia o tirador com a cruz negra envolta em branco sudário. Viu o tocador de rabeção, alto, de longas melenas, numa postura erecta e grave, atrás do séquito. Viu mais uns seis ou sete, entre os quais julgou reconhecer o Zeca da *tia* Brites e o Toninho Freire. Nessa hora, Candonga se pôs a latir, saindo do seu esconderijo habitual, embaixo da velha cômoda de jacarandá. Um arripio percorreu o corpo da moça. Ia cerrando a rótula, quando, em voz anasalada, um vulto que ia atrás do cortejo, lhe disse, entregando um embrulho:

— Guarde esta vela para mim...

Sem saber o que fazia, recebeu, automaticamente, aquilo que lhe davam, atirando para cima do canapé.

E, transida de inexplicável pavor, deitou-se na sua rede, enleando-se toda nas cobertas e puxando a varanda ainda sobre si, como para melhor abrigar-se. Longe, na noite silenciosa, que o luar oirecia, ainda, como refrão macabro, se ouvia a voz soturna do *tirador* a pedir:

— Um *padre nosso* e uma *ave maria* pelas almas...

•
••

De madrugada, *siá* Teodóra voltou. Com pés de lan, para não acordar a menina, trocou a roupa e ia preparar o guaraná, quando lhe chamou a atenção um estranho objeto sobre o canapé. Cula, neste interim, sentara-se na rede, estermunhada, ainda meio lerda, uma expressão esquisita nos olhos pávidos.

— Que é isto, Cula? Pergantara a velha e, antes que desse tempo à resposta, abriu o invólucro, deixando cair, num susto, o estranho objecto, que era nada menos que uma tibia alva e longa, uma canela de defunto, com a conformação e a cor de uma vela de cera.

Dera Cula, à vista do depósito fantástico, um grito de pavor, que se prolongou em forte trismo nervoso, em convulsão demorada, de que custou a voltar...

E, desde esse dia, nunca mais tornou a ser a palreira e folgaz que dantes era: triste, inquieta, perturbada, com um quer que é de patético nos modos, a pobre moça ficou sofrendo o resto da vida os resultados funestos da sua levianidade e da sua insofrenável abelhudice.

Nota de pesquisa - Outras publicações:

- 1) REVISTA BRASILEIRA, por Academia Brasileira de Letras, Ano I, Setembro de 1941, págs. 92 a 96.
- 2) “ESTÓRIAS E LENDAS DE GOIÁS E MATO GROSSO”, da coleção *Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro*, volume VII, Gráfica e Editora EDIGRAF Ltda, São Paulo, 1960 (1º ed.) e, em 1963 (2º ed.).

TIBARANÉ

A Severino de Queiroz

Quem quer que passasse por aquela rua solitária, fosse às horas caniculares do meio dia ou pela fresca da tardinha, veria, naquela meia-água silenciosa da esquina, pela porta que se conservava sempre aberta, o vulto esguio e branco de uma velha, sentada em frente do tear, movendo os bilros, na paciente e cuidadosa tarefa que lhe absorvia os dias, as semanas, os meses e os anos.

Cá fora, a vida corria agitada e febril: os dias sucediam-se uns aos outros, em meio de graves preocupações e sombrios receios. Ali, porém, no sossegado interior da sua casinha, *siá Felícia*, como alheia a tudo, tecia, na paciência que imortalizou a mulher de Ulisses, as suas redes lavradas. Não contava com o tempo para o seu trabalho e, como artista que era, posto inconscientemente, vivia, segregada do mundo exterior, de que, raro, um eco longínquo e apagado lhe chegava à *tebaida silenciosa*. Na mesma serena e despreocupada postura vira correr os dias lúgubres



... movendo os bilros, na paciente e cuidadosa tarefa que lhe absorvia os dias, as semanas, os meses e os anos.

Ilustração da publicação em: “ESTÓRIAS E LENDAS DE GOIÁS E MATO GROSSO”, da coleção *Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro*, Gráfica e Editora EDIGRAF Ltda, São Paulo.

e sangrentos da “Rusga”, de cujas cenas dantescas falava, quando se lhe ensejava ocasião, como se fora de um excídio ocorrido cem anos atrás ou a cem léguas de distância. O terremoto de 1831, a morte de Poupino, em 1837, a “peste grande” em 1844, eram, na sua narrativa indiferente, como que factos sem importância, cousas de somenos que lhe não abalaram aquele espírito de filosofia, superior ou de indiferentismo pelos homens e pela própria vida. Também não lhe perguntassem pelo seu passado, que ninguém jamais conseguira abrir-lhe a boca, fechada e silente como a pedra de um túmulo. E se alguém, mais curioso ou menos cortez, insistia, redobrando em interrogativas, lá lhe vinha, entre um muchocho e um sorriso indulgente:

— Quer saber ? Vou contar.. *Especula*, companheiro da pergunta...

E prosseguia no seu trabalho, como se já ninguém ali houvesse a seu lado, olhos em alvo, na visão de um sonho, as mãos emaciadas correndo, treque-treque, ao longo dos fios que se entrecruzavam no vasto tear que enchia toda a parede do fundo do casebre...

•
••

Uma tarde mormacenta e triste de agosto um velho, apoiado ao seu bastão, longa barba, vestido de andrajos, parou em frente à porta de *siá* Felícia. E, com espanto geral da vizinhança,

siá Felícia deixou o seu serviço e veio à porta da rua encontrar o estranho visitante. Foi um boquejar de versões, um fervilhar de hipóteses por toda a rua. Quem seria aquele homem que, único entre os mortais, tivera o condão de retirar, por alguns momentos, do tear a velha tecedeira ? Talvez seu marido que volvia, após longa separação, um irmão quiçá, ou, podia ser, antigo enamorado que ela revia saudosamente. Romances teciam-se novelescamente em torno do caso, quando, no outro dia, pela mesma hora, o velho reapareceu à porta, agora com uma trouxa ao ombro, a sua grande bagagem, provavelmente. Entrou e, ante o murmúrio confuso dos basbaques e garotos, deixou-se ali ficar, como hóspede, morador, ou não se sabe a que título. Ao escurecer, a Joana do Teixeira, a mais temível lingüinha do bairro, não se conteve e foi, acompanhada de uma filha, à casa de *siá* Felícia. Foi e, a queima-roupa, interpelou-a sobre aquele caso que escaldava a curiosidade da vizinhança. Meia hora depois todos sabiam que o velho, bem que parecesse mais idoso que ela, era filho ele *siá* Felícia.

Chamava-se Rodrigo. Correria o mundo, a cata de dinheiro, de aventura, de prazer. Voltava pobre, desiludido, sem um cruzado na algibeira nem uma esperança no coração. Fora, no entanto, belo, moço, cheio de ilusões, amara a vida e fora amado por ela.

Um dia, porem, — e fora esta, dizia a velha, a grande tragédia do seu destino — Rodrigo vira o “tibirané”. Moço ainda, vivia com sua mãe, também moça, naquela casinha perto do “Rola Kágado”. Pouco, adiante, morava um português abastado, senhor de grande escravatura, de mesa farta, salão sempre a pômpear em bailes e festas. Tinha o casal uma filha única, moça mimosa e que passava em cavalos brancos todas as belezas da terra. Sem medir a distância que os separava, Rodrigo se encantou por Umbelina que, por infelicidade, lhe correspondera ao afecto. Os pais dela, em bem perceberam da inclinação dos dois, mandaram a menina para o sítio de uns parentes na Serra-acima.

Rodrigo dispôs-se a segui-la e, apesar dos conselhos maternos, arranjou um bom animal, uma boa garrucha e partiu. Dias depois voltava, a pé, sem arma, quebrada a coragem que antes lhe fuzilava no ardido olhar. Morrera-lhe o coração saber, em chegado à terra, que Umbelina casara com um primo, rico “senhor de engenho” e três vezes mais velho do que ela. Longos dias e longas noites passou, deitado em sua “cama de vento”, recusando todo consolo. Debalde, entre lágrimas, Felícia lhe fazia ver que, moço ainda, o futuro lhe acenava talvez com maiores felicidades... Uma tarde, ao escurecer, ele sentou-se à porta e pôs-se a assobiar baixinho uma toada sentida.

Era o tom de uma peça que Umbelina tocava, no seu “cravo”, naquelas noites de outrora. Lembrava-lhe bem ainda. O salão do “bôava” fulgia às luzes dos candelabros de prata: Dança-va-se a “russiana” que, desde a passagem da Comissão Langsdorff; substituíra o passapié e o minueto. Foi naquela noite que Umbelina, toda de branco, um grande leque de plumas à mão, lhe dera, como gages de sua felicidade, aquela “memória” que conservava ciosamente...

— *Não assobia à noite, meu filho — advertiu-lhe siá Felícia. Olha que vem o “tibirané”.*

— *Histórias, minha mãe — disse Rodrigo, dando de ombros e continuando a assobiar.*

Eis se não quando, surge ao lado dele, sem que visse donde viera, um bugre velho, de má catadura, feições muchibentas, a modo de genipapo, a pedir-lhe um pedacinho de fumo. Era o “tibirané” da lenda popular, “alma de bugre”, que aparece a quem assobia depois do anoitecer. Rodrigo sentiu um calafrio correr-lhe as veias e gritou por sua mãe que, à pressa, viera de dentro de casa, trazendo o extranho pedido, com que, sem mais, se retirou o indesejável visitante...

• •

Desde esse dia o moço não teve mão em si na ânsia de partir daqueles lugares. Aproveitou a primeira tropa e fez-se rumo de Goiás. Correu

Nota ao original: O trecho acima em epigrafe, foi utilizado como documentário de “Tibirané”, por Luis da Câmara Cascudo, em “GEOGRAFIA DOS MITOS BRASILEIROS”, ed. 1983, vol. 78, da coleção RECONQUISTA DO BRASIL (nova Série), Livraria Itatiaia Editora Ltda, Editora da USP.

todo o sertão. Conheceu cidades lindas, e vilarejos humildes.

Foi às feiras rumorosas, às belas romarias, aos portos de mar, onde atracam os grandes navios, vindos de longas terras, aos rincões silenciosos, perdidos nas serranias e até as aldeias de índios, em meio das matas sombrias. Viu, na Corte, as fidalgas de “cadeirinha” e, nos campos, as guapas sertanejas, mas na sua mente continuava a viver aquela que elegera esposa, no fundo do sertão natal. Ganhou muito dinheiro, passou muita aventura, te que um dia, velho, pobre, acabado de fortuna e de saúde, voltou, como o filho pródigo, ao lar materno. Sem uma queixa, sem uma exprobração, recebeu-o a mãe, que envelhecera pensando nele todos os instante e pedindo a Deus que lhe devolvesse o ingrato, que nem uma notícia sequer se lembrara de enviar-lhe. E foi como se ele tivesse saído na véspera daquela casa, donde se afastara havia 30 anos... Rodrigo sentara-se à porta, àquela mesma porta onde havia troteado a ária da “russiana”. E pôs-se a perguntar pelos conhecidos, um por um. Percebendo a mãe o empenho dissimulado de saber de Umbelina, adiantou-se na informação:

— Morreu. Você foi muito feliz. Ela não servia para você...

Ele nada mais perguntou. Estava já vai não vai pra escurecer. Rodrigo conservou-se ali longo

tempo, quieto, quieto, com vontade de chorar, mas sem lágrimas, que haviam de há muito secado. Sentiu que alguém o enlaçava de leve, dizendo lhe;

— Escuta. Lembra-se dessa música ?

Vinha da mesma casa a tonadilha leve da “russiana”, velha de uns trinta anos ou mais. Explicou-lhe a mãe, por meias palavras, que era uma neta da “outra” que tocava, não mais ao cravo, mas ao piano. Umbelina morrera, deixando uma única filha, mãe daquela mocinha que lhe herdara a beleza e o nome... .

Cessara a música, entretanto, e Umbelina, toda de branco, chegara à janela. Era a mesma, só não trazia, como trinta anos atrás, o leque de plumas... .

Rodrigo revia-se na vida que passa, repassa, torna a passar... E, sem sentir, achou-se assobiando a “russiana”, quando, num susto, lhe veio à idéia a admoestação materna. Parou, indeciso. Então, Aquela que o esperara, Aquela cujo carinho infinito, superior ao tempo e ao espaço, indiferente à ingratidão e ao olvido, continuava a ampará-lo, abraçou-o, orvalhou-lhe de lágrimas o rosto, dizendo-lhe, com a voz estrangulada de soluços :

— Pode assobiar, meu filho... Anda. Desabafa. Na nossa idade, o “tibanané”, não vem mais...

Nota ao original: Pode-se dizer que “Tibanané”, trata-se do único mito brasileiro genuinamente mato-grossense. José de Mesquita foi o primeiro a registrá-lo, através deste conto, publicado pela primeira vez no jornal “A Cruz”, nº 867, p.2, de 10 de março de 1929, em Cuiabá, Mato Grosso.

NO TEMPO DA CADEIRINHA

Publicado em 1960 (1ª ed.) e, em 1963 (2ª ed.), no volume VII, “ESTÓRIAS E LENDAS DE GOIÁS E MATO GROSSO”, da coleção *Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro*, Gráfica e Editora EDIGRAF Ltda, São Paulo.

A VOLTA DA TROPA

*A Antonio de Paula Correa
in memoriam*

Na solidão nostálgica da Serra, afastado dos povoados, erguia-se o “engenho”, do Glória, com seu casarão de vastas salas e varandas silenciosas, sua capelinha, suas enormes senzalas, apinhadas de escravos, sua moenda, casa de purgar, fornalhas, paiol e mais dependências. Era um dos primeiros estabelecimentos daquele tempo, quando a “serra-acima” florescia em “engenhos” e sítios, qual mais próspero, qual mais rico, tornando-se aquela região privilegiada como que o opulento celeiro da capital, zona dos “senhores de engenho” que eram os homens de maiores cabedais e prestígio na época, pois, como bem frisou Antonil, “bem se pode estimar no Brasil o ser senhor de engenho, quanto proporcionadamente se estimão os títulos entre os fidalgos do Reino”. Tendo pertencido ao Capitão Antonio Leite do Amaral Coutinho, o “Glória” via agora garrular nos seus velhos paredões os netos daquele rico

JOSÉ DE MESQUITA



*... recebera, no seu quarto, estranha confissão,
vertida em lágrimas.*

Ilustração da publicação em: “ESTÓRIAS E LENDAS DE GOIÁS E MATO GROSSO”, da coleção *Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro*, Gráfica e Editora EDIGRAF Ltda, São Paulo.

senhor, filhos de sua filha Rosa, casada com João Fernandes de Melo, que ali ficara a testa da propriedade.

Com eles vivia ainda a segunda esposa, ora viúva de Amaral Coutinho, D.^a Luisa, senhora de rara energia, dotada de atributos másculos de mando, que a tornavam respeitada da família e dos agregados do “engenho” e temida da sua numerosa escravaria. Duas vezes por ano descia a velha “dona”, com filha e genro, netos, séqüitos de crioulas e negros, no seu rico “banguê”, para assistir o Natal e a Semana Santa na cidade. Ficava sempre duas semanas fora, com paradas na Chapada, onde tinha casa, sendo acolhida com expansão de alegria pelos moradores da vila que muito a estimavam. Era D.^a Luisa de ameno tratar com os seus iguais, sendo, porém, inflexível com os que por qualquer motivo discrepavam da linha do dever, tornando-se mesmo rude e áspera de maneiras quando se lhe antolhava descobrir qualquer deslize dos seus apaniguados. Reinava por isso no “Glória” um regime de severa fiscalização, que tornava o “engenho” respeitado e havido, entre os estabelecimentos similares, como dos mais ordeiros e moralizados.

•
••

Foi, pois, com surpresa que D.^a Luisa, naquela tarde branca, recebera, no seu quarto,

extranha. confissão, vertida entre lágrimas, de sua escrava de estima e afilhada — a Brites Maria, guapa crioula, de seus 15 anos floridos, o braço direito de “sinhá dona”.

Era ela quem lhe preparava o guaraná, de madrugada, ralado na hora e trazido em copinho de cristal, com água fria apanhada no córrego, à meia luz do entredia. Era ela quem lhe grosava a palha para os cigarros e quem lhe preparava a orchata, com cuidados filiais e mimos inexcedíveis. D.^a Luisa, ciosa do seu ponto de honra, despediu Brites de todos esses encargos e, fê-la substituir pela Andreza, negra beijuda, feia e repelente, como que para assim ainda mais vexar a substituída. E mandou, que Brites fosse para o canavial, donde, a muito empenho do genro, que se condoia da súbita degradação da rapariga, a fez vir para o serviço da cozinha e da copa.

•
••

A criança nasceu pela Anunciação do outro ano e recebeu por isso o nome de Gabriel. Era branco e mimoso, o que fazia às parceiras de Brites conjecturarem mil coisas contra a infeliz criatura, de quem, entretanto, uma palavra sequer conseguiram arrancar sobre o responsável pela sua desdita. Ora, por esse tempo, a “tropa” do engenho andava de viagem para a Corte, tendo com ela seguido último filho de D.^a Luisa,

Joaquim, para fazer ,seus estudos. D.^a Luisa esperava ansiosa a volta da tropa que lhe deveria trazer novas do filho, do seu “caçula” querido, o mimoso das suas afeições. Na noite de S. João se detivera até mais tarde a conversar na varanda, com o genro, e, por volta de 10 horas, tomando o castiçal de prata numa das mãos e sustendo a manga com a outra, deu as boas noites a João Fernandes e desceu os degraus que levavam, através de um longo corredor escuro, para os seus, “cômodos”. O inverno entrara de pouco e o sul assobiava nas frichas das portas e janelas do vasto casarão silente e adormecido. D.^a Luisa fez as suas orações e esteve ainda, por algum tempo, banzando, sem sono, a balançar na rede lavrada. Depois foi apagar a vela e deitou-se para dormir. Dali a pouco, a filha, cujo quarto ficava na outra extremidade do vasto e longo corredor, ouviu-lhe a voz, sempre autoritária e forte, desta vez trêmula e num fio: — João Fernandes ! João Fernandes !

Acudiram, assustados, filha e genro e deram com a velha que, de pé, no meio do quarto com as feições alteradas, mal podia falar. E quando voltou , a si do espanto, lhes contou que, em bem se acomodara, antes que o sono a tomasse, ouvira uma voz — a voz do Joaquim, perfeita e clara, que lhe disse, repetindo-o por mais duas vezes : — Forra Gabriel !

Sem saber o que significaria aquela ordem, intimativa e rija, no dia seguinte a velha fez partir um “próprio” para a cidade donde, com pouco, vinha o tabelião, que passava, a seu pedido, a escritura de alforria do filho de Brites.

•
••

Três meses depois chegava a “tropa” de volta da Corte. Entrou no terreiro já quase ao escurecer. De longe, porém, chamara a atenção a maneira pela qual se aproximava: silenciosa, sem o habitual chocalho dos sincerros que soiam acordar, com suas álares campainha das, os ermos serranos. As “madrinhas” vinham encobertas de crepe, não se lhes vendo as cabeçadas de prata brunida relampear o sol morrente do ocaso, nem os arreios metálicos dos tropeiros, nem a boneca da guia, nem os gritos vibrantes dos tocadores, a pé, cada um a frente do seu lote. Que seria aquilo? A D.^a Luisa pulsou-lhe, num rebate improvisado, o coração, sob o cabeção de rendas da camisa. Adiantou-se, num hausto, ofegante, até ao meio do terreiro, onde, sobre grandes couros lavados, secava o açúcar do serviço do dia :

— Nicomedes, o que é isso? Que notícia traz de meu filho?

Um segundo de silêncio, de angustia, de tortura infinita... Ninguém ousava falar. O terreiro,

a varanda aberta, se encheram do pessoal do “engenho”, curioso e ansiado.

— Seu Joaquim... — tatibiteou, sem geito, o tropeiro, tirando o chapéu de aba larga, — seu Joaquim, siá Dona, morreu... Não se ageitou com “a clima” da Corte. Pegou a “amarela” no chegar e foi-se, no fim de três dias.

— Que dia. Nicomedes ?

— Foi no dia de S. João...

Um grito, convulso partiu do grupo que, no oitão da casa, aguardava o desfecho daquela cena. Corre que corre, apanha água, socorro, foi uma balbúrdia enorme... E enquanto a velha entrava para a varanda, soluçante, nos braços da filha, os escravos carregavam, desmaiada, para a senzala, a infeliz Brites, que, ao ouvir as palavras do tropeiro, caiu para trás, hirta, feita morta, completamente inerte e fria...

Publicado em 1960 (1° ed.) e, em 1963 (2° ed.), no volume VII, “ESTÓRIAS E LENDAS DE GOIÁS E MATO GROSSO”, da coleção *Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro*, Gráfica e Editora EDIGRAF Ltda, São Paulo.

A PROMESSA DE JOÃO GUALBERTO

A Humberto Miranda

Ia quase a findar o segundo quartel do século XIX. Cuiabá, convalescida dos tremendos abalos da década anterior, refazia-se aos poucos, no lento esbater das animosidades, que a política jacobina de 1830 criara e fizera desencadear em formidando tufão, varrendo a província de norte a sul. Os perseguidos tinham volvido serenamente ao seu trabalho, irmanados aos algozes que, um decênio atrás, lhes desbarataram os haveres, quando não lhes fora possível tirar-lhes a existência. Entrava-lhes de prosperar a fazenda, no labor profícuo e constante dos dias de paz. A própria vida social se reanimava, do eclipse tremendo em que se mergulhara. Os “engenhos”, cresciam de número, pela zona serrana; grandes lotes de escravos vinham incorporar-se aos já existentes, intensificando o capital-homem, para a difusão do trabalho e enriquecimento do “senhor”. Depois da tragédia em que tombara, com

NO TEMPO DA CADEIRINHA



Aquela figura angélica o possuía dia e noite, acordado ou em sonho...

Ilustração da publicação em: “ESTÓRIAS E LENDAS DE GOIÁS E MATO GROSSO”, da coleção *Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro*, Gráfica e Editora EDIGRAF Ltda, São Paulo.

JOSÉ DE MESQUITA

uma bala de prata pelas costas, ao anoitecer trágico de 9 de maio, o caudilho de 1834, e do homizio dos mandantes desse bárbaro delito, serenara-se a política, antes encapelada. Pimenta Bueno arcorizara de bonança os horizontes, que os seus sucessores, com rara exceção, trataram de manter serenos. Ricardo Jardim que, num lapso relativamente longo de mais de 2 anos e meio, vinha exercendo o proconsulado, voltava a sua vista atilada de estrategista para a extrema em perigo de invasão estrangeira. No interior, porém, a paz reinava, promissora de trabalho fecundo e de progresso.

•
••

Filho de rico português, um dos expatriados da “Rusga”, — João Moreira de Matos — o jovem João Gualberto vinha, de há meses, torturado por uma idéia que lhe empolgava imaginação e sentidos, de forma insopeável. Fora desde um encontro todo casual, no dia da festa do Rosário, numa tarde de chuva que fizera a procissão recolher-se precipitadamente. O aguaceiro impetuoso o obrigara a refugiar-se no corredor de um casarão da rua do Meio, verdadeiro solar de família, onde, com sua esposa e filhos, residia o mineiro Brandão, genro do Capitão-mór Gudie, uma das figuras de maior evidencia social e política

daquelas eras. João Gualberto andava, nesse tempo, por volta dos seus 30 anos.

Habitado a vida andeja, que sempre fora a de seu pai, comerciando por Diamantino, Rosário, e pelo sertão, no áspero trato dos tropeiros, meses e meses, faltava-lhe esse polimento que os salões trazem ao espírito, e tornara-se, um rústico, um tímido, que corava e tremia diante de uma mulher, posto não lhe desse o menor calafrio a aproximação de uma onça ou de uma tempestade, no meio do campo. Foi, pois, com indissimulável aperto no coração que viu abrir-se a porta da sala e aparecer, encaixilhada no rectângulo do portal, a mais formosa visão celeste que jamais imaginara pudessem ver os seus pobres olhos mortais.

Era a menina Mariana Amélia, única filha dos moradores daquela casa, que estava no florir de suas 13 primaveras, conquanto o seu precoce desenvolvimento parecesse dar-lhe três ou quatro anos a mais. Num sorriso gentil, convidou-o a entrar, até que parasse a chuva. O moço, porém, numa grande atrapalhação, agradeceu a afável donzela e, pretextando que o temporal amainara, lá se pôs, rua em fora, todo vexado, todo medroso, qual se houvesse encontrado aberto o limiar do paraíso e um anjo (ao contrário do que sucedeu ao primeiro par humano) o convidasse a penetrar o Eden. Sem saber como, achou-se à porta de sua casa, ainda com o coração fora do lugar, a

vista obscurecida, como quem fitou de frente o sol por algum tempo. Parecia-lhe ouvir, num trinado argentino, a gargalhada que ela, soltara, quando, perturbado, o vira partir sob a chuva, ainda mais forte que antes, dizendo, contra a realidade mais evidente, que o aguaceiro diminuirá...

•
••

Não houve mais sossegar desde essa hora a alma do pobre rapaz. Aquela figura angélica o possuía, dia e noite, acordado ou no sonho, trabalhando, velando, meditando. Viveu dias de febril e intensa imaginativa, a supor a ventura suprema de unir-se àquela creatura pelo amor que dura toda a vida, mas era em vão que a buscava, por toda a parte, pois em a vendo, não se arriscava a dela se abeirar, tal o fluido prestigioso que sentia irradiar daquela menina, tão simples, na idade que os antigos diziam “entre pulo e boléu”.

Era preciso, entretanto, que desse um passo qualquer que lhe assegurasse a mão de Mariana Amélia, já agora condição de vida ou morte para o seu desatinado coração. Sabia o grande número de pretendentes que rondava a casa da grácil moçoila. A sua formosura, sem par naquela época, a situação da família, a esmerada educação que lhe aprimorara o espírito, como a natureza lhe fizera do físico uma obra de arte, tudo tornava

aquela nubilidade apetejada e disputada pela flor dos garções do tempo. Ele a todos, talvez, levava vantagem nos haveres. Mas uma circunstância o desfavorecia, impedindo-lhe os ardores e esperanças, tal era a falta dos quatro costados de estirpe, ciosos que sempre foram os parentes da sua escolhida nesse ponto de linhagem limpa e fidalga. Que valia todo o dinheiro que seu pai levava a reunir numa vida de privações e penoso afan, se não bastava a dar-lhe a felicidade única a que aspirava? Afrontando o receio, sobranceiro ao ridículo do insucesso, cego pela idéia que o dominava, João Gualberto, por meio de prestimosa pessoa, muito da priverança dos Gaudie, pediu a mão da menina. Sucedeu o que tinha de suceder: veio-lhe de resposta, velado pela delicada excusa da pouca idade da moça, um doloroso, um esmagador não, que lhe doeu mais que se lhe atirassem com a Prainha e o Lavapés por cima.

Semanas longas, feitas de longuíssimos dias, levou o filho do “emboaba” amargando o seu drama passional, sem que para ele lhe alvitrasse a consciência uma saída. Numa tarde triste de junho, goroante e fria, acudiu-lhe ir à casa de sua mãe de criação, velha preta avantajada em anos e experiência, moradora no alto da Mandioca, num casnholo humilde, de paredes cobertas de registos de santos. A negra velha recebeu-o com carinho de sempre, como quem, tendo-lhe dado o seu

leite, o tomara para sempre por seu filho d’alma.

Contou-lhe João, entre choroso e irado, o seu romance.

Mãe Luzia condeu-se do sofrer do seu “menino”, como lhe chamava, e levantando-se da velha canastra de couro cru, aproximou-se da cômoda de jacarandá, onde o oratório se ocultava entre palmas bentas, velas e jarros de flores.

— Quem vai concertar a sua vida é esta... — disse, apontando uma estampa da Virgem, já encardida do tempo. Você vai fazer um voto à Nossa Senhora do Muquem, de dar, em cera, o peso de Mariana, se ela for sua mulher.

Em ouro que fosse, *mãe* Luzia... Em ouro que fosse eu daria.

— Louquinho ! Vai, faz a promessa, mas é preciso ir fazer no *Goiás*, lá na capela do Muquem. E logo... que é para mostrar que Você tem fé... Tudo pode Deus, e faz a quem lhe pede por meio de sua, Mãe Santíssima.

João Gualberto não disse uma palavra de objecção. Preparou a viagem e uma semana depois, com uma tropa que saia para a Corte, partiu, rumo da ermida dos milagres.

•
••

Voltou, ao cabo de três meses.

Chegando a Cuiabá, soube que Mariana Amélia estivera muito doente, entre a vida e a

morte, cerca de duas semanas. No dia da Glória chegaram a esperar o traspasse a qualquer momento.

Nesse dia precisamente ele chegara ao Muquem e fizera o voto. E Mariana entrara desde aí a melhorar.

Os pais — o pai, sobretudo que ficara a pique de endoidecer — prometeram à Nossa Senhora da Glória não contrariar o desejo da filha de casar-se com João Gualberto, caso ela viesse a sarar. E o moço em chegando, soube pela mesma activa medianeira, do que se havia passado.

Renovou o pedido, logo aceito “com grande satisfação” e, pouco depois, como nas velhas novelas, que ainda assim são as melhores, (que o digam as moças que me lêem) os dois se casavam, numa festa estrondosa, que marcou época e da qual ainda não faz muito tempo havia entre nós quem se lembrasse, referindo-lhe, de segunda outiva, os belos e memoráveis episódios. E logo, passada a lua de mel, fez-se o nosso herói rumo de Muquem, novamente, afim de cumprir a sua promessa.

Publicado em 1960 (1° ed.) e, em 1963 (2° ed.), no volume VII, “ESTÓRIAS E LENDAS DE GOIÁS E MATO GROSSO”, da coleção *Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro*, Gráfica e Editora EDIGRAF Ltda, São Paulo.

O DRAMA DO “ARROMBADO”

A Gervásio Leite

I

A tarde fora muito quente e ali por volta de cinco horas começou a escurecer. Alexandrina, que já se preparava para ir à casa do tio ver passar a procissão, não pôde esconder o seu desgosto ao ver o tempo incerto, ameaçando chuva. Veio até a varanda, já calçada e de saia branca, e disse à mãe que, sentada numa cadeira de encosto, lia um livro de reza:

— Veja a senhora: eu nunca saio de casa e basta fazer tenção de ir a alguma parte para vir o diabo do tempo atrapalhar os meus projectos.

Irra, que isto até parece perseguição!

E, visivelmente irritada, foi debruçar-se à janela do terreiro, onde ficou à espera que a velha dissesse alguma coisa. Esta, porém, como se nada houvesse, continuou entregue à sua leitura. Começou Alexandrina a bater com o salto da botina no piso, dando mostras de impaciência



— *Vão até a Igreja? Se me permitem que as acompanhe... sussurrou uma voz melíflua...*

Ilustração da publicação em: "ESTÓRIAS E LENDAS DE GOIÁS E MATO GROSSO", da coleção *Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro*, Gráfica e Editora EDIGRAF Ltda, São Paulo.

— Que é que está você a fazer aí ? Veja lá se sossega, menina!

— Mamãe, a senhora também não diz nada!

— Que quer você que eu diga? Está zangada por causa do tempo, não é? Mas eu não tenho poder para mandar suspender a chuva.

E Dona Rosa, erguendo os óculos até a testa fechou o livro, marcando-o com uma estampa, na página em que ficara a sua leitura. Alexandrina veio sentar-se numa rede no canto da varanda.

— Mas, mamãe, a senhora não acha isto um desaforo até?

— Figa, Xandóca! Nem diga isso! Desaforo chover? Quem manda chuva é Nosso Senhor! Cruzes! Credo! Mais hoje, menina, que é sexta-feira maior...

A pequena, nervosa, folheava uns jornais da Côrte que estavam sobre a mesa e, ao fim de uns segundo, como serenada, voltou, já noutra tom, meio súplice:

— Mas, mamãe, a senhora acha que isto pode ainda passar? Quem sabe se fará até uma noite bonita...

Não chegou a velha a responder, quando bateram a porta do meio. Alexandrina foi abrir.

— É a Carlota, mamãe. Agora que ela voltou de casa! Imagine a que horas vamos jantar... Irra! Já é relaxamento! E eu que ainda

tenho de ir buscar a Alice para irmos à casa de tio Luís.

Carlota atravessou a sala de jantar, com uma grande cesta enfiada no braço direito. Era uma cabrocha baixinha, atarracada, bexigosa, que, havia cerca de seis meses, vinha cozinhando em casa de D.^a Rosa. Tomara-a a mãe de Alexandrina a seu serviço por lhe ter vindo recomendada pela comadre Esméria e lhe parecer uma rapariga sossegada e de bom proceder. O serviço da casa era resumido, pois a família constava apenas das duas, mãe e filha, que, demais, não eram exigentes. Alexandrina, órfão desde os nove anos, andava agora nos seus dezessete. A mãe, D.^a Rosa, era uma boa senhora, como se costuma dizer, religiosa, assídua freqüentadora de missas e novenas, muito inimiga de portas e ajuntamentos. O marido fora empregado do governo, não passando de categoria subalterna, posto já tivesse casado maduro e morrido com seus sessenta e pico. Nunca lhe dera, em quinze anos de casados, um só motivo de queixa. Num único ponto divergiam marido e mulher: era no que diz respeito à religião. Carmelino era pedreiro livre, o que assaz molestava a boa D.^a Rosa, que sentia que um homem daquele, tão bom, de coração tão bem formado, se desse conscientemente a essas ridicularias. Ele, entretanto, nunca privou a mulher de exercitar a sua devoção, às vezes levada ao exagero e esse

assunto jamais foi causa de querela entre os dois. Carmelino era tão tolerante que se casara no religioso para satisfazer a noiva e não escandalizar a sua rodinha habitual. Era, de resto, um tímido e um bom, talvez um pouco estróina quando moço, apontando-se-lhe muitas rapaziadas que o malinguismo de lugar pequeno não esquecia nem perdoava. Casado, regenerou-se completamente e passou a viver para a família e para a repartição — dois ideais que lhe polarizavam a vida simples e metódica. Morreu de uma congestão, numa noite de aguaceiro forte, ao voltar de um jantar de aniversário em casa dos Souzas. D.^a Rosa fez celebrar uma série de missas por sua alma e não cessou de rezar pela salvação daquele pobre coitado, cuja infelicidade fora não ter encontrado, a tempo, quem o guiasse para o bom caminho. Depois dos sete dias, Alexandrina, toda de preto, foi levada para a escola, como interna. Tinha então nove anos e era uma pequena raquítica, enfezadinha e feiosa. Pouco mais sabia que a cartilha e o *b-a ba*. Então, a vida de D.^a Rosa, só com a filha e uma criada, na casa tristonha, outrora animada pela figura bonanchona do Carmelino, foi de uma monotonia invencível. Daí a facilidade com que o velho Pedroso, seu compadre e amigo de Carmelino, conseguiu insinuar-se-lhe na intimidade, entrando de freqüentar a casa, primeiro a pretexto de orientá-la no inventário, e, depois,

sob outros pretextos e até sem pretexto nenhum. A vizinhança rosnava daquelas visitas, mas D.^a Rosa pouco se lhe dava do que dissessem, pois sabia-se bastante sisuda para se precaver contra qualquer viuvada. O Pedroso já era um velho, viúvo também, tendo em sua companhia um casal de filhos, o Álvaro, guapo moçoilo, maníaco pelas cavalhadas, e a Alice, interessante menina, fanática pelos namoricos. A vida de D.^a Rosa decorria assim, sem grandes alegrias nem pezares profundos. Os primeiros domingos de cada mês a filha passava em sua companhia, mas a cada separação, em que a menina punha todo o sentimentalismo doentio que o internato agravara, a pobre senhora sentia despedaçar-se-lhe a alma em ímpetos de a reter ao seu lado. Sustinha-a, porém, o receio de que Alexandrina, em casa, pudesse fazer coro com a maledicência, suspeitar de suas relações com o Pedroso, perder o respeito que lhe devia, diminuindo assim a autoridade que pretendia exercer sobre a filha. O tempo, em breve lhe restituiu a menina. O curso terminara e Alexandrina, já mocinha, voltou ao lar. Houve quem aconselhasse a D.^a Rosa que a pusesse na Escola Normal, há pouco criada, mas a boa senhora, esconjurando, exclamara :

— Deus me livre! Se eu sou louca de meter a minha filha naquele meio de perdição, a conviver com rapazes de costumes duvidosos e quase

sempre maus! Deixem Alexandrina em casa, que eu saberei, com os meus sermões, fazer dela uma digna mãe de família, se for esse o seu destino. E se não for, ficará comigo, alegrando a minha velhice...

II

A procissão do enterro deveria sair às 7 horas, mas o mau tempo fez que só saísse já quase às 8. Havia desde o escurecer um movimento extraordinário pela cidade. Grupos, quase sempre envergando trajes escuros, se dirigiam para a Catedral ou à procura de casas de conhecidos donde pudessem assistir a passagem do cortejo. A porta e pelas janelas do Comendador Luís Aires, tio de Alexandrina, aglomeravam-se parentes e amigos da casa. Pela calçada, passeavam as moças, em cordão. Eram quatro meninas, todas muito de se ver: Alexandrina, as duas primas, filhas do Comendador e Alice Pedroso, a amiga íntima, a inseparável companheira da Xandóca, desde que, há seis meses, viera para casa, de recolhida do Asilo. Alexandrina era indiscutivelmente a mais bonita do grupo. Estava uma bela e vistosa moça, que nada fazia lembrar do que fora sete ou oito anos passados. Crescera e deitara corpo. Tinha a pele muito clara, cheia de sinaizinhos que a tornavam mais interessante. Os seus olhos

castanhos, grandes e pestanudos, boiavam sempre num mar de meiguices. Posto não fosse um modelo plástico, devido a um começo de adiposidade, era de irresistível sedução, que mais aumentava aquele arzinho de ingenuidade, natural ou estudado, que ela deixava transparecer nos jeitos e nas maneiras, como nos olhares e nas conversas. Usava o cabelo em trança grossa, atada na ponta por uma fita, vindo-lhe bater à altura dos quadris opulentos. Nessa tarde escolhera um vestido cor de azeitona, debruado de cor de rosa, bem fechado, de mangas compridas, que lhe dava um cunho de distinção e elegância, pondo em realce a sua epiderme muito alva. As primas eram extremamente parecidas uma e outra, com a particularidade de se chamarem ambas Maria — uma do Carmo e outra da Glória. A primeira, com ser mais velha, era de menor estatura que a segunda. Alice era a mais feia, ou antes a menos bonita daquela fieira e supria com a sua vivacidade e tagarelice o que lhe faltava em beleza para se fazer digna do conjunto. Quando se anunciou a procissão, pelo ruído seco da matraca e apareceram na curva da Mandioca as primeiras tochas rasgando como alfinetes de ouro o sudário da treva, as meninas correram a postar-se na esquina do Beco Alto para verem a passagem do préstito fúnebre. Estavam comovidas e silenciosas. Quando a procissão começou a passar,

solene e triste, elas ficaram como que dominadas pela majestade e melancolia daquele imenso cortejo que acompanhava o enterro do Senhor. Passaram, primeiro as irmandades, em alas, carregando tocheiros, num passo lento e comovido. No centro, iam as cruces e as bandeiras, o guião e o pendão, e os irmãos fiscalizadores da ordem do cortejo, corre-correndo, de roupas verdes, os de S. Miguel, encarnadas os de S. Benedito, cor de vinho os do Bom Jesus, mandando cerrar ou abrir as filas, afastando os importunos que se obstinavam em atravessar pelo meio, perturbando a marcha. Vinha em seguida o andor de Nossa Senhora das Dores, no seu manto azul e roxo, alanceada pela dor, e logo após, perto da banda, que tocava dolente marcha fúnebre, o caixão do Senhor-Morto, todo encoberto de cortinas roxas, de grades de madeira negra, sobraçado, a passo lento, pelos Irmãos do Bom Jesus. Fechava o séqüito, atrás da música, a massa compacta, variada e confusa do povo, num burburinho surdo de vozes e de passos. Alexandrina e as amigas resolveram acompanhar a procissão até a igreja e seguiram bem atrás para não serem atropeladas. Ainda assim Alice, buliçosa e brejeira, gritou, chamando a atenção dos que iam perto do grupo, com um rapazelho atrevido que lhe ferrara um beliscão no braço.

— Seu atrevido! Seu caradura! Veja lá onde está e com quem brinca! Custa crer que há gente desta laia que vem à procissão para fazer sem-vergonhices!

O maroto esgueirou-se, desapontado, por uma esquina. Houve risotas num grupo que ia adiante e as pequenas prosseguiram, pelo meio da rua, mais desafogado que os passeios.

— Vão até a igreja? Se permitem que as acompanhe... sussurrou uma voz amável e melíflua, ao lado delas. Voltaram-se. Era o Álvaro, irmão de Alice, que vinha arrastando a asa à Alexandrina.

Elas não havia porque não o consentissem. Alice aludiu, com malícia, à casualidade do encontro, enquanto apertava o braço de Xandóca, que lhe ia ao lado. Seguiram, conversando, em voz alta, até a esquina do jardim. Álvaro convidou-as a visitar os “passos”.

— Não vai ficar tarde, ponderou Alexandrina, a mais tímida do grupo, a quem as reprimendas maternas atemorizavam.

— Ora, é coisa de meia hora mais. Faça de conta que estamos na igreja. Depois *nhá* Rosa nem desconfia de nada, pois, antes de acabar o *sermão de lagrimas* e o *Senhor Deus*, nós estamos de volta...

O argumento venceu o espírito de receio de Alexandrina, aliás desde o princípio inclinada

àquela aventura de correr os *passos* ao lado do namorado. Era para ela um encanto aquela meia liberdade que só a semana santa lhe trazia, pois a mãe passava quase todo o tempo na igreja e deixava-a à vontade com as primas. Desceram a praça, ladeando o passeio pelo lado da esquerda e tomaram pela rua de Baixo, estreita e mal iluminada. Álvaro postára-se ao lado de Alexandrina e iam conversando à meia voz enquanto, adiante, as três outras chalreavam, alacremenente. De um grupo que cruzou com eles, quase no entrar da rua, partiu uma risadinha, sublinhando a exclamação:

— Olha esse *azeite*! Que perigo!

Alexandrina fez um muchocho. Álvaro, que a observação, longe de enfrear, tornara mais corajoso, tomou-lhe, sem que encontrasse resistência, uma das mãozinhas entre as suas.

III

A caminho de casa, D.^a Rosa foi dizendo à filha que lhe não agradavam os modos das sobrinhas, umas *regateiras* e *estabanadas* que pareciam não ter juízo algum.

— Não sei como mano Luís permite essas liberdades! Ah! em minha casa é que eu queria ver isso! Educação moderna... venham com conversa fiada. Eu educo os meus como quero.

Não, minha filha, aquilo pode parecer muito bom para essa gente de hoje, que não está ligando a nada e não tem escrúpulos nem decência. Onde é que já se viu uma pequena de dezoito anos, como a Carmo, andar de vestidos curtos, mostrando os braços e as pernas a quem os queira ver! E a outra, a Glória, que nem tem quinze anos, e já fala em namorados, vai a quanto baile aparece, anda toda se requebrando em saracoteios que, Deus me perdoe, nem parece de gente direita... Você, minha filha, se Deus quiser, nunca há de me envergonhar, fazendo desses papalões. Ah! lá isso não! Para tal não é que lhe tenho dado e vivo a dar conselhos todos os dias... Sabe o que mais? Não fosse parecer soberbia e pouco, caso nos parentes, eu nem deixava você andar de cima para baixo com aquelas *serigaitas*...

Alexandrina tentava defender as primas dos juízos maternos, fazendo ver que elas eram até bem comportadas, na vista de outras que ela conhecia.

— Cruz! Ave Maria! nem diga isso, meu coração! será que você quer imitar então essas delambidas que andam por aí mostrando o corpo, com a cara cheia de vermelhão e falta de vergonha?

— Eu, não, mamãe.

— Pois então?

— Eu fui criada para freira...

— Já vem você com bobagens, Não gosto de dizedelas, nem chin-chin-chins... Não digo isso, apesar de que você não poderia fazer melhor o meu gosto do que dessa maneira... Mas eu lhe dei educação diferente da que seu tio Luís está dando às suas filhas. Ah! lá isso dei! Você pode andar com elas, nunca fará a décima parte do que elas fazem. Cada um para o que nasceu...

Alexandrina nada disse. Estava nervosa. Vinham-lhe impulsos de chorar. Aquelas palavras da mãe a contrariavam bastante, e ela pressentia, através da resistência materna, o ruir de todos os seus castelos. A conversa com o Álvaro, a meia cumplicidade daquela escapada que a mãe não suspeitara, a intimidade que nessa noite começara a estabelecer-se entre ela e o namorado, tudo fizera desvendar-se aos olhos da moça um outro horizonte de liberdade, ao qual até aí era completamente estranha. O seu namoro com, Álvaro datava de uns dois meses, tendo começado em casa do tio, que o Álvaro costumava freqüentar. As primas foram as primeiras a saber da sua recíproca inclinação e tornaram-se com pouco as suas naturais confidentes, como sempre sucede entre amigas, que se prestam a servir de medianeiras em negócios dessa ordem. Nunca tivera outro namorado e este primeiro amor lhe empolgava a imaginação e arrebatava os sentidos num êxtase de romance sublime. No íntimo lhe vinha

surda revolta contra a estúpida reclusão em que a mãe pretendia trazê-la. Não podia, só ela, ter a liberdade que têm todas as moças da sua idade, ir ao pátio da matriz, passear à porta, visitar as amigas e vivia, a bem dizer, enclausurada entre a mãe, sempre às voltas com os seus “sabões” e “pitos” por dá cá aquela palha e a criada, bronca como uma porta, com quem nem se podia entreter uma conversa. Uma vez que a sinhá Luisa, vizinha defronte, dissera à D.^a Rosa que ela já estava com moça em casa e era preciso cuidado, a mãe saíra com três pedras na mão e gritara-lhe:

— *Não vêca!* Moça é que ela ainda não é... E que fosse! É cedo para pensar em toleimas. Basta casar na idade em que me casei com o defunto, a quem Deus haja... Antes disso, venha ela para cá de namoricos, que ajustaremos contas!

Xandóca, calada, ouvira a objurgatória materna, com uma profunda humilhação e mais ainda acabrunhada se sentiu quando D.^a Rosa, amaciando a voz, e fitando-a, com estudada ternura, finalizou a sua arenga com estas palavras:

— É preciso saber que minha filha é uma menina de juízo. Não é qualquer dessas “assanhadinhas” que andam por aí. Desta, nunca, — ouviu? — nunca me virá desgosto. Oh! disso estou certa!

Aquilo mais lhe doía — a convicção absoluta, inabalável de D.^a Rosa na sua passividade, na

sua inércia, na submissão completa da sua vontade, que tirava todo o merecimento da sua virtude. Ó não! por certo que não seria sempre assim! Ela, em vindo o dia, saberia reagir e fazer valer os seus direitos à vida, ao amor, à liberdade. Muito cedo, muito cedo, vivia a mãe a dizer, quando se lhe falava na hipótese do casamento. Pois não era já moça, e feita, na quadra de tornar estado? Casar... Como devia ser bom viver, livre da tirania materna, com um homem que ela amasse muito, que lhe fizesse todas as vontades, que a acompanhasse ao passeio, à igreja, e a toda a parte! Usar vestidos compridos, jóias, — e ela já se via com uma linda aliança no dedo, larga e brilhante como a de Cotinha, que casara na semana passada — e poder sair quando quisesse, fazer compras na cidade, a bolsa recheada de notas, toda a vez que o marido recebesse o dinheiro no começo do mês... Oh! aquilo, sim, que era vida! E o seu pensamento voou para o Álvaro, que ainda essa noite lhe falara em pedir-lhe a mão, logo que fosse promovido.

IV

Tenaz oposição surgira da parte do Pedroso, como da de D.^a Rosa, contra o namoro. Opunha-se aquele, alegando a pouca idade e inexperiência do filho, mas na realidade porque via outro partido

mais vantajoso na Carmosina, filha do rico negociante Olivais, que morria de amores pelo Álvaro, sem que este lhe cor respondesse.

Cerca de dois meses haviam corrido após aquela noite, que para a moça se tornara memorável, da visita aos “passos”. O namoro dos dois fizera progressos consideráveis. Iludindo toda a arguta fiscalização de D.^a Rosa, encontravam-se Álvaro e Alexandrina diariamente, quando ela ia e vinha da oficina de costuras da Maria Caolha, onde estava aprendendo corte e trabalhos. Vai uma tarde — tarde fria de junho — o moço lhe disse do seu desejo de apressar o desfecho daquilo *que não podia continuar assim*. E propôs-lhe francamente, decidido, fugirem, para assim forçar os velhos a anuírem ao casamento.

— Que não é só eles que hão de ter direito de viver... disse, irritado, aludindo às relações que não ignorava existirem entre os dois — o seu pai e a mãe de Xandóca.

Esta, que, colhida de chofre por aquela idéia, para a sua imaginação romântica uma salvação, não tivera tempo de reflectir, assentiu imediatamente e ficou combinado que daí há três dias — na sexta-feira — ela sairia, às dez horas da noite, para encontrá-lo no “arrombado”. E assim, de facto, se fez. Mas essa noite o compadre Pedroso esteve até 9 e meia no seu gamão em casa do vigário e a essa hora acudiu-lhe ir fazer uma

visita à D.^a Rosa. Havia, porém, um lindo luar, apesar do frio e pareceu-lhe inconveniente entrar a desoras pela porta da rua, pelo que, prevalecendo-se de velha combinação existente, se encaminhou pela rua do oitão, tomando rumo do “arrombado”.

Tinham soado dez horas no relógio grande da varanda, quando a moça, pé ante pé, depois de apagar a lamparina do seu quarto, deitando um chale escuro sobre o vestido leve de cassa, tiritante de frio e de medo, atravessou o terreiro, pisando de mansinho para não acordar o “Feroz” que roncava junto ao muro do galinheiro, A grama úmida de sereno ensopou-lhe os pés, calçados apenas, à pressa, em uns velhos sapatinhos de entrada baixa e sem salto... E lentamente, dominando a custo a comoção que a fazia tremer, encaminhou-se para o lado do muro do oitão, ao fundo do qual, abrindo para a rua lateral, que era antes um caminho, de pouco trânsito, havia um “arrombado”. Seguia, rente com a taipa velha, de paredão socado, com o coração a pulsar desordenado, quando, prestes a chegar ao ponto emprazado, viu que alguém galgava a pequena elevação que formava o montão de terra do “arrombado” e, sem perceber a sua presença, atravessara o quintal, com rumo à cozinha, escondida ao fundo de uns velhos cajueiros. Xandóca esteve a

ponto de voltar, tal o susto que lhe veio daquele inesperado e misterioso encontro.

— Quem seria? pensava. Ladrão, talvez? E a mãe, que iria acordar e daria, mais cedo do que esperavam, por sua falta?

Um assobio, porém, longo, fino, reanimou-a, falando-lhe da presença de Álvaro lá fora.

— Perdido por cem, perdido por mil... O que tem de ser, traz força. Vamos... Se é minha sina: onde der que aleije... Sou dele mesmo, custe o que custar...

V

Não esperava D.^a Rosa, aquela noite, a visita do Pedroso. Estranhou-lhe, por isso, a chegada e, mais ainda, o modo misterioso, reservado, com que, logo ao entrar, o velho a interpelou:

— Temos novidade cá pela vizinhança... se não é, parece. Ao passar pelo “arrombado” vi um vulto do lado de fora, embuçado, com jeito assim de esperar por alguém.

D.^a Rosa riu-se, zombando dos vãos temores de Pedroso, posto, no íntimo, secreto pressentimento a mortificasse e como o compadre esgueirasse a vista no rumo do quarto da Xandóca, sussurrou:

— Aquela ? Santinha ! a esta hora, dorme com os anjos... Mas aquele “arrombado” era, de

tempos atrás, a sua preocupação, e se não fizera ainda levantar o muro era simplesmente por falta de um dinheirinho disponível e, (causa principal, que ela, se não confessava) por facilitar as visitas extraordinárias do amigo. E quando acendia o fogareiro para preparar um chá de erva-cidreira, pois começava a sentir a sua dorzinha no coração, contou, ligeiramente, a Pedroso, a história do “arrombado”.

— Aquela casa fora antigamente de um português rico que morrera na “Rusga”, tanto que muita gente supunha haver ali ouro e jóias enterradas. O certo é que a casa, depois disso, ficou a modo que amaldiçoada. Contavam que no lugar do “arrombado” fora morta uma escrava, por ciúmes da patroa, viúva do “boava”, a qual, crudelissimamente, a fizera atar a um poste e queimar-lhe, a ferro de engomar, todo o corpo. Coisas feias, dos tempos da escravatura... A infeliz, ao expirar, dissera que daquele lugar, tão certo como ser ela inocente, viriam grandes desgostos a todos os moradores da casa. E assim tem sido. A minha bisavó, que comprou a casa dos herdeiros do “boava”, viu o filho mais velho enforcar-se numa árvore que existia ali junto do “arrombado”, Paixão contrariada, dizem uns: infelicidade no jogo, afirmam outros... Sei lá uma desgraça enorme é que foi, pois o rapaz era uma pessoa muito séria e de juízo e perdeu a cabeça

de uma hora para outra, entrando nesta casa. Meu avô morreu de um ramo de ar que apanhou de manhã cedo, junto do “arrombado”, quando ia ver uma briga na esquina. Minha tia Rosa, depois de sair pelo “arrombado” com o capitão Teles, que a abandonou, ficou louca e louca morreu. Minha mãe adoeceu do peito desde uma vez que saiu, à noite, para tocar uns cachorros que, estavam a fazer alarido perto do “arrombado”. Eu... você sabe, foi por ali que começamos. O “defunto” era vivo: essa noite houve serão” no serviço e...

— Uma noite como a de hoje, fria e de luar — interrompeu, evocativo, Pedroso. Há quanto tempo!

— É a idade da Xandóca, um ano mais... esclareceu D.^a Rosa. E sabe ? dizem que toda a vez que uma desgraça acontece na casa, ouve-se um grito — o grito da moça — no lugar onde ela foi injustamente torturada...

Pedroso, no intuito de mudar o rumo à conversa, que lhe não agradava, perguntou à comadre :

— E Xandóca, Rosinha, já *desvaneceu* do Álvaro?

— Se não desvaneceu, há de *desvanecer*, meu velho. Demais, você bem sabe, eles não podem casar um com o outro.

E, ameigando a voz, baixinho, só para ele:

— Seria um horror : pois eles são irmãos...

Nessa hora, um grito agudo, fino, estrídulo, feriu a noite silenciosa, no rumo do “arrombado”. A pobre senhora caiu estatelada, sobre a borda da cama. Pedroso, numa intuição terrível, entreabriu a porta da alcova, que, deserta, ostentava, intacto, o leito virginal de Alexandrina.

Correu o velho até à janela que dava para o terreiro. Um frio intenso e cortante vinha de fora. A crescente, em forma falcular, subia, por trás do morro fronteiro. Fundo, mortal silêncio pairava em todo o arredor.

Apenas, longe, além do “arrombado”, onde havia umas poças de água de chuva, se ouvia, lento e monótono, o coaxar das rans e o melancólico tanton dos sapos leiteiros...

O MILAGRE DE FREI MACERATA

A Frei Estanislau Schaette

Em pleno sertão, longe de qualquer povoado ou morador, recebeu Frei José a nova, trazida pelo seu camarada, de que o “cargueiro” que levavam fora devorado por uma onça. Sem se abalar com a perspectiva desoladora em que aquele facto os vinha colocar, disse o justo:

— Vamos ver onde está.

E saiu, em direcção ao mato, onde, com espanto do companheiro, deram com a onça ainda, sobre a carniça, repastando-se nos sobejos da alimária.

Ao dar com tal cena, longe de impressionar-se, como era natural, Frei José limitou-se a dizer:

— Pois bem. Quem comeu o cargueiro, há de fazer-lhe as vezes.

Apavorado e sem bem compreender o que se passava, o peão viu Frei José acrescentar, dirigindo-se à fera:

— Pelo dever de obediência que te é imposto, acompanha-me.

De cabeça baixa, a passo lento, a onça, largando o seu orgíaco banquete, deu de andar empós do capuchinho. E, junto ao pouso, onde, ao primeiro alvor da madrugada, morriam os últimos tições da fogueira, mandou Frei José ao camarada que pusesse a cangalha e a carga sobre o lombo da fera.

Fê-lo, com imenso medo, o camarada, e, com pouco, ei-los se vão, pela estrada, reduzida ali a simples trilho, rumo ao primeiro morador, alongado dali mais de seis léguas.

Andou todo o dia aquele estranho grupo dois homens seguido por uma fera, que lhes servia de besta de carga. À tardezinha, já o sol ia longe, por além da serra e os *curiangos* revoejavam no ar frio do anoitecer, chegaram a um morador, mísera palhoça, à beira do caminho, onde, entre pedras, rumorejava, escachoante, a água pobre de um ribeirão. Tomado de assombro, viu o homem chegarem-se a casa os viandantes. E mais admirado ficou ao ouvir do religioso a ordem para que lhe desse a besta, que tinha, para continuar a viagem. . Tentaria negar-lha, se lhe houvesse perguntado antes, mas Frei José não inquirira, sim *afirmara e mandara*.

Assim determinou ele, assim foi feito. E ao tirar, de sobre a onça, a carga, o negro que lhe servia de camarada, disse:

— Matemos agora esta “bicha”, que não vá fazer mal a alguém por aí...

— Não, replicou Frei José, isso não. Deixemo-la que se vá, na paz do Senhor. Não é ela, como nós, meu filho, uma criatura de Deus?

E, a um aceno do bom homem, filho daquele que, no Gubbio, se irmanou com o lobo, lá se foi, submissa e feliz; rumo à selva pátria, a fera que o dever de obediência havia, por todo um longo dia, feito cargueira — convertida assim, da violência natural que a caracteriza, na maior humildade que para os irracionais se reduz ao papel de animal de carga.

Tal era a força que, por suas excelsas virtude possuía, diante do Onipotente, o pobre missionário capuchinho que, nos começos do século passado, andou evangelizando os sertões bravios e rudes de minha terra.

A MÃE DOS RECRUTAS

A Luiz Philippe Pereira Leite

Era ao tempo da guerra, da terrível campanha lopezguaia que, por todo um lustro, absorveu as energias do país.

O caudal do heroísmo, brasileiro crescendo, dia a dia, ia chofrar-se nas coxilhas do sul, nos contrafortes da Maracajú, nas águas do Paraguai, com a onda invasora prestes repelida.

Mas esse caudal custaria ao Brasil a paralisação de todas as suas forças vitais — a lavoura, o comércio, a indústria — transformadas numa única força poderosa e dinâmica: o heroísmo, a bravura, a veia marcial, em que despertavam as qualidades atávicas dos defensores do Norte contra os batavos, do Centro contra os franceses e do Sul contra os espanhóis.

Mato Grosso foi o alvo naturalmente preferido pelo invasor e o teatro primeiro da luta.

A tropa militar, reduzida em número, posto intensificada pela coragem, exigia novos e eficazes esforços.

Dali, o apelo aos civis. Dali, o voluntariado, a espontânea adesão de todas as classes ao aceno da Pátria em perigo.

Dali, também, o recrutamento, necessidade inevitável, de que se valem, nos momentos angustiosos, os governos em choque.

Ora, havia, por esse tempo, pelas cercanias, de Cuiabá, uma pobre velha, viúva, sem arrimo sinão que dois filhões varões que de seu mal-aventurado consórcio lhe ficaram.

Eis que a ambos atinge a conscrição forçada e a infeliz mãe se vê, de um dia para outro, só e a braços com a miséria, agravada pelos horrores da época anormal que decorria. Eram os dois rapazes o esteio da casa, que lhe davam o pão do corpo, com o trabalho das suas roças, e o pão do espírito, com a alegria e o conforto da sua presença.

Imaginal a desolação e o desespero daquela inditosa criatura, ali no seu rancho humilde, onde, ao invés da fartura e do contentamento de, há pouco, imperavam as mais dolorosas apreensões.

Eis que por ali, de passagem, vem bater-lhe a porta um homem desconhecido, rusticamente trajado, sozinho, sobraçando uma arma de caça. Em-na vendo ali tão só, interpelou-a, ao que ela, depois de narrar-lhe a sua infortunada condição, prorrompe em aiadas invetivas contra o autor da

sua malventura, o presidente Couto de Magalhães:

— É esse homem mau, sem coração, que por infelicidade nos governa, o culpado de tudo que estou sofrendo! Oh! mas ele há se as pagar! Tire-me logo os dois filhos, os meus dois braços! Enquanto muitos por aí vivem à tripa forra, sem cuidar, ao menos, que estamos em guerra, caçando e divertindo-se, como o senhor, os meus pequenos, que poderiam estar trabalhando para mim, lá estão nessa inferneira de quartel, a trabalhar para um governo amaldiçoado.

— Mas a senhora conhece o presidente, para falar assim dele? — perguntou o itinerante.

— Não conheço, nem quero conhecer! gritou-lhe, desnorteada, a pobre mulher. Ele é o meu carrasco, o responsável pela minha morte!

— Pois eu o conheço e tenho esperança de conseguir que ele dispense pelo menos um dos seus filhos.

— O senhor ? — e a velhinha ria, na ironia singela do povo — ora bem se vê que o não conhece... Aquele homem não tem dó de ninguém! É duro de coração...

A senhora — insistiu o desconhecido — quer se dar ao trabalho de ir à cidade amanhã e procurar-me no Palácio? Lá estarei às duas horas para lhe dar a solução da conversa que vou ter com o presidente.

— Mas o senhor quem é ? é empregado dele, trabalha lá ?

— Nada. Amigo, conhecido apenas... Vou tentar obter a liberdade de seus filhos, ouviu? Vá, vá, que eu vou esperá-la...

Mais animada, ante aquela promessa, agradeceu a velha ao bom homem que a Providência lhe deparara e que tanto interesse tomava pela sua triste situação.

— O senhor é bom e Deus há de inspirá-lo. Quer, porem, que lhe diga com franqueza? Não creio que o “homem” ceda.

No dia seguinte, à hora aprazada, a velhinha, envolta no seu melhor chale, transpunha a limieira do Palácio do Governo, transida de pavor e, ao mesmo tempo, alentada por vaga esperança.

Algum tempo esteve embalada entre sentires diversos, na silenciosa sala de espera.

Cruzavam por ali, a toda hora, oficiais, que entravam e saiam, nos seus luzidos uniformes, esporas tilintantes, erguendo e baixando os pesados reposteiros.

Ansiava a velha pela presença do homem que a mandara vir.

Por que não aparecia ele? Mil vezes permanecesse na sua palhoça abandonada! Quem a fizera vir ali. para, seguramente, colher mais uma decepção? E si tivesse de entestar-se, sozinha, com o presidente, que lhe iria dizer ? Bem pudera

sucedder que “o outro” lhe houvesse contado tudo e o “homem” zangado como era, a maltratasse e, ainda por cima, lhe fizesse embarcar os filhos...

Nestas agoniadas conjecturas, a qual mais dolorosa, debatia-se a alma da pobre senhora, quando um oficial, garboso na sua farda, cintilante de alamares dourados, ergueu a persiana da sala contígua, dizendo-lhe:

— Minha senhora, tenha a bondade de entrar.

Tímida e vacilante, avançou a velha em direcção ao compartimento vizinho. Ao penetrá-lo deu, de chofre, com a mais surpreendente e inesperada cena que jamais imaginara: de pé, ao lado da secretária, achava-se o homem que lhe visitara o casebre na véspera. Fitava-a, calado, e, posto um sorriso brando lhe adejasse à flor dos lábio, pairava em suas feições serenas algo de grandioso, dessa espontânea grandeza que a autoridade, quando íntegra, empresta àqueles a que imprime o seu selo quase divino.

Compreendeu, num relance, o que se dera: o homem que passara caçando pelo seu rancho e o homem que agora ela via ali, em todo o fastígio da pompa oficial, eram um só, o mesmo, o presidente Couto de Magalhães. Tão grande foi a sua perturbação que, sem saber o que fazia, lhe caiu aos pés, de joelhos, a suplicar-lhe, chorando, mil perdões.

O governador levantou-a, dobrando-se até ela, e falou-lhe, no mais suave metal de voz:

— Nada receie, minha senhora. Volte para o seu rancho, onde já deve estar o seu filho mais velho, que fiz dispensar do serviço. Quanto ao outro, tenha paciência, pois se a senhora é mãe, a Pátria também o é e tem os mesmos direitos. Mas fique tranqüila que velarei por ele. E aprenda a não atribuir ao presidente tudo que fazem em seu nome...

Num sorriso indulgente e benévolo, encaminhou-a até a porta, onde, perfilado, erecto, o mesmo oficial de há pouco erguia o reposteiro. A velhinha saiu quase dê costas, sem se atrever, tão confusa estava, a dizer uma palavra.

E como único gesto a patentear o seu reconhecimento, beijou, numa efusão de ternura, a mão áspera e tostada que Couto de Magalhães lhe estendera em despedida.

A MANDINGA

A Raimundo Maranhão

I

“Siá” Felismina não via com bons olhos o derriço da filha com o Manoel “Chamusco”, porque ele era gente da ralé, pobre e desclassificado.

Depois, como estava indicando o gracioso apelido que lhe puseram, Manoel era meio queimado e ninguém, ao ver-lhe o retinto da tez e o encaracolado dos cabelos, se enganaria quanto à sua ascendência afra muito aproximada. De feito, sua avó materna fora escrava do Xavier, e era “mina” legítima, contando-se dela até que ganhara alforria por benevolência do velho “Senhor de engenho” que, depois de viúvo, se acasalara com a velha *mamá* dos seus filhos, ainda bem conservada, apesar dos seus rijos cinqüenta janeiros. A ! não, certamente, não seria com aquele cafuzo que a filha dela, moça branca, de sangue limpo, havia de casar! E se ela o não enxotava de casa é porque nunca lhe descobrira falta de respeito

para com a menina. De resto, haviam sido companheiros de infância. Em pequeno, era o Manoel que servira de padre nos baptisados das bonecas de Agueda e “siá” Felismina ficara tendo, apesar de tudo, certa afeição por aquele rapazinho quieto, de poucas falas, sisudo mesmo. Não seria ele que induziria a rapariga a qualquer despropósito, com o seu ar sonso e meio atoleimado. Gueda, ao envê, era viva e inteligente e de um gênio irascível que a mãe, muito a custo, sofrera à força de ralhos e boas chineladas. Na escola, fora briguenta e travessa, acabando por ser expulsa do estabelecimento um dia em que, irritada por uma repreensão injusta, atirara à professora um chingamento em termos cuja expressão a sua ignorância não media. Nos serviços caseiros, era perita e revelara uma verdadeira dedicação. Cozinhas bem, costurava sofrivelmente e, ainda nas horas que lhe sobravam, passava as suas roupas e da velha e fazia trabalhos de crochê, crivo e ponto de marca, à perfeição. Viviam do aluguel de uma casinha que, com a de morada, lhes deixara o Lacerda, negociante, que desta se fora quase de repente, na estocada traiçoeira de um pleuriz, quando a filha estava com dois anos e meio. Na casa onde moravam, sossegada e limpa, no fim da Mandioca, viviam muito recolhidas, mãe e filha, apenas saindo para ir às missas dos domingos e das terças-feiras, no Rosário, e uma ou outra vez para visitar os conhecidos. O Manoel vinha vê-las,

na média de uma vez por semana. Estava um rapaz de seus vinte e dois anos, baixo, imberbe, cara espinhuda, no fundo o mesmo simplório e bonachão de sempre. Seu traje invariabilizara-se numas calças brancas e um paletó de lustrina, já sovado, mas sempre limpo e passadinho. Metódico, ordeiro, apesar do ganho reduzido, diziam que tinha seu pé de meia. O seu retraimento a pândegas e rapaziadas, criara-lhe uma fama de seriedade, de invulnerabilidade mesmo às façanhas venusinas. Tinha um único fraco: era a Venância, uma preta lavadeira, já meio idosa mas ainda bem conservada, que morava por trás do Rosário, e que o povo dava como hábil em feitiçarias e mandingas. Manoel a freqüentava, se bem que cautamente, uma ou outra vez, sempre à noite e com muita reserva. Também era, verdade, o seu único fraco — depois da Gueda, está visto.

II

Aguéda não lhe desgostava de todo o rapaz. Natural que lhe preferisse o Dias, da loja da esquina, que sabia olhar de um jeito insinuante através dos vidros claros do *pincenez* ou o Julinho, estudante farrista, que sabia dizer coisas tão melosas, quando a apanhava a sós, na janela do beco... A questão é que esses a rondavam de longe,

cautelosamente, sem desejos de se comprometer, ensaios de namoricos-passatempo, ao passo que o “Chamusco” era assíduo ao pé dela, tratando-a com tanta deferência e respeito, que nem parecia que se conheciam desde pequenos. Aquele, de parte a cor, que afinal não era coisa de tanta monta, era um corte seguro de marido. Estava ali, estava fisgado e ela só tinha que dar um aceno para vê-lo rendido a seus pés. Que mais esperar, ela que ia entrar nos vinte e um? Trabalhador, carinhoso, pouco exigente, Manoel deveria fazer feliz a mulher que o recebesse. E ela ia correspondendo, quase sem querer nem dar por isso, à corte tímida mas perseverante do rapaz. Conversavam banalidades, assuntos caseiros, novidades e diz-que-diz-ques do arrabalde. Às vezes jogavam loto. Raro, a velha tomava parte, limitando-se quase sempre a fiscalizá-los, enquanto com uns formidáveis óculos engarupados no nariz de tucano, ia lendo as “Horas Marianas” ou o “Rocamboles”. Duma feita que ela cabeceava, com sono, por haver perdido a noite num “velório”, Manoel inadvertidamente tocara o pezinho de Agueda, por baixo da mesa — que lindos pezinhos ela possuía, 32, bico estreito! — e, como envergonhado, recuara a cadeira com estrondo, mastigando desculpas. Dali há pouco, porem, sentiu que o pezinho de Gueda de leve tocava o dele, esfrolava-o, macio, como um roçar de penas. Ele

sentiu naquilo uma incitação e encorajou-se. Vendo que “siá” Felismina abria os olhos, ensaiou contar uma anedota muito velha e sovada, para distraí-la. Gueda, sob o pretexto de espevitar o pavio da lamparina que estava morre-não-morre, piscainhando, arrastou o mocho para mais perto da mesa. Era evidentemente, uma provocação. Manoel, porém, ainda assim não se animava...

Canhestro, pertencia a essa classe de homens para os quais todas as concessões femininas surpreendem como esmola imerecida. Mas o que, no seu cérebro perturbado, lhe parecia um impossível humano, os pés, mais inteligentes muitas vezes que a cabeça, iam muito naturalmente fazendo, de acordo como que lhes ditava o “gênio da espécie”. Mais familiares, os pés se encostaram, e começaram a roçar ao de leve um no outro, a sobrepor-se um ao outro, como acariciando-se... E a velha toscanejava sobre o livro, o morrão da lamparina de novo entrava a crescer — com pouco os pés — que há mais audacioso que uns pés enamorados? — começaram a passar a fronteira, como rumando para o lado oposto da mesa, de modo que as canelas se tocaram de leve, acima dos sapatos, e pouco a pouco, começaram as pantorrilhas também a internar-se uma pela outra, em pequenos contactos furtivos, acabando elas também por se esfrolarem maciamente, felizes como velhos amigos que se encontraram. Por fim

os joelhos se tocaram, entre assustados e tímidos, como se alguém lhes fizesse ver que naquele entendimento houvesse algo de reprovável. Mas reconheceram-se irmãos daqueles pés, daquelas canelas, daquelas pantorrilhas, que se entendiam tão bem, embaixo da mesa. Cá em cima, os donos dos joelhos é que não pareciam enxergar mais nada. As pedras do loto dançavam-lhes diante dos olhos, como fantasmagorias. As cadeiras já estavam quase coladas à mesa. Gueda abaixou-se para, apanhar uma pedra que caíra. Estava vermelha como uma pitanga bem madura. Nessa hora, “siá” Felismina deu um espirro tonitroante, um daqueles seus formidáveis esternutos que parecia terem o poder de abalar a casa.

— Deus a ajude! gritou o Manoel, levantando-se, todo desconcertado, a endireitar os punhos, a concertar o plastrão, que saía pelo colarinho alto, a repuxar a calça, como que procurando, no desalinho da indumentária, disfarçar o desalinho que lhe ia pela alma. Gueda, entretanto — o que são mulheres ! — já calma, depôs sobre a mesa a pedra que tinha caído e, risonha, dizia:

— É o 35... Loto! Eu não disse que esta partida era minha?

III

Quando os vizinhos começaram a falar que o Manoel “Chamusco” arrastava a asa à Agueda

e que, mais dia menos dia, a pediria em casamento, “siá” Felismina se impressionou deveras e pensou num meio de afastar de qualquer forma a filha daquele casamento desproporcionado. E ocorreu-lhe logo lançar mão de uma velha amiga, a “siá” Venância, fértil em “mandingas” e capaz de destorcer o caso mais embrulhado. Tocou-se, logo depois do almoço, chalinho ao ombro, chinelinhos treque-treque na ponta do pé, para as bandas do Rosário, onde morava a afamada negra. Venância ouviu-lhe a exposição, tomou informações minuciosas acerca da “coisa” e pediu-lhe que lhe trouxesse, nesse dia mesmo, três fios do cabelo de Gueda, um pouco de água, resto do que ela tivesse bebido e um punhado de paina do travesseiro em que ela dormia. E, à saída, ainda disse, como para mostrar o seu extraordinário prestígio, impressionando a crédula Felismina:

— Eu estou com um serviço importante para amanhã. Mas é justamente o contrário do que a senhora me encomendou... Conhece aquela senhora bonita, mulher do telegrafista que chegou? Pois olhe — aqui para nós, que ninguém fique sabendo — ela saiu daqui pouco antes da senhora chegar e me encomendou um trabalho fino, com a diferença que o seu é para desfazer amores e o dela é para atar... Mas olhe lá, não vá contar nada a ninguém, porque eu sou uma creatura

muito de confiança e incapaz de sair difamando quem se vale de meus serviços...

“Siá” Felismina foi-se embora, certa de que, antes de oito dias, conforme lhe assegurou a preta, Gueda estaria desvanecida do Manoel. E pagou, com prazer, os 7\$000 da garrafada que, no dia seguinte, a Venância lhe levou, cheia de cautelas, ao escurecer, recomendando-lhe que propinasse uma porção cada dia na água que a filha tivesse de beber de manhã em jejum. E se assim lhe foi recomendado, melhor ela o executou.

No oitavo dia, Agueda saiu de casa, com o pretexto de ir ao porto levar umas costuras, e não voltou. Era um sábado. Escureceu e nada da menina. Já ansiosa, “siá” Felismina se dispunha a sair à cata da filha, quando um rapazinho, descalço e em manga de camisa, parou à sua porta, indagando:

— É aqui que mora “siá” Felismina?

— Sou eu mesma, meu filho. O que é que você quer — perguntou-lhe, não sem uma batida diferente no coração, como no pressentimento de alguma desgraça.

— É *seu* Manoel “Chamusco” que manda dizer p’ra senhora que a sua filha, está lá com ele, e pede sua licença para casarem amanhã cedo p’ra remediar o que já está, feito...

“Siá” Felismina não ouviu mais nada. Tonta, quase sem ar, saiu assim mesmo como estava,

rumo à casa da Venância. Aquela desgraçada, ladrona, havia de pagar-lhe! Então para isso que servira a “mandinga”? Entrou como um pé de vento no casebre da negra. Esta veio ao seu encontro, com uma serenidade surpreendente, como se nada houvesse acontecido. E antes que ela dissesse qualquer coisa, explicou-lhe:

— Já sei o que a senhora vem falar! Foi mesmo um desastre, coisa que nunca me aconteceu. Imagine que eu preparei tudo direitinho, mas na hora de entregar o seu vidro e o da dona Leonidia, troquei as beberagens... E deu tudo às avessas do que devia dar. A pobre moça saiu daqui agorinha: console-se com ela. O “cujo” que ela queria prender, voou hoje daqui, de auto, com uma sujeitinha que chegou há um mês do sertão... Foi um desastre, mesmo, “siá” Felismina, mas sua filha tem um remédio fácil, é casar e está tudo arranjado. Console-se, que, com a minha burrada, a outra perdeu muito mais, perdeu tudo...

“Siá” Felismina não teve o que dizer. A culpa era da sorte. Foi saindo quieta, devagar, quase bestificada, que nem ouviu a outra que, cerrando a porta, dizia entre dentes:

— Forte velha rabugenta... Deixe que os outros sejam felizes. Pois, entoncos, eu é que havia de fazer mal ao meu Manoelzinho?

IV

Manoel e Agueda casaram-se foram muito felizes, e, o primeiro neto foi levado à pia por “siá” Felismina, que acabou querendo bem ao genro e reconhecendo que, afinal, a troca das “mandingas” fora uma felicidade. E, para que ninguém ficasse mal em toda essa história, a Venância foi que carregou o pequeno, ficando assim madrinha “carregadeira” do garoto, ela que gozava já na casa de um grande prestígio, como cozinheira e arrumadeira efectiva, arranhou daí por diante a sua vida e deixou até da feitiçaria, sendo mesmo de acreditar, como muito provável, que as últimas “mandingas” por ela preparadas hajam sido aquelas da bendita troca. Bendita — diriam os pombinhos Manoel e Agueda; mas bem diversamente pensaria a pobre D.^a Leonídia, do telegrafista, para quem saíra o trunfo às avessas — a única, afinal, a lamentar o remate deste conto. Porque — e é esta a moralidade — não é possível fazer feliz a toda a gente, mesmo com “mandingas” trocadas ou não...

HUMILDE HEROISMO

A Corsindio Monteiro

I

Era pelos primeiros dias da revolução de 1892. A cidade, perdido o seu ar pacato de pequena capital do interior, se entediava na prolongada tristeza daqueles dias trágicos em que apenas, de quando em quando, o surdo ruído do tiroteio quebrava o habitual silêncio. O aspecto era o de uma praça sitiada, onde se sentia pesar, dia e noite, a angústia do cerco, o terror da avançada, o perigo de um ataque imprevisto e desesperado, forçando a resistência dos ocupantes.

Desde o dia, em que a *força* entrara, pondo em perigo mesmo o quartel do 2º, no centro da cidade, e dividindo-se em duas colunas de operações, cortando as comunicações e isolando os núcleos de resistência militar, sentia-se a opressão e o medo pesarem sobre a cidade e já ninguém andava pela rua, receoso de ser apanhado por alguma bala perdida ou pelo fogo renhido da *tropa de linha* concentrada nos quartéis.

Era a primeira revolução que estalava, imprevista, embora os antecedentes já viessem preparando os espíritos para aquele desfecho sinistro, e a entrada dos *patriotas* na cidade, a 7 de maio, rompendo um *statu quo* que se sentia insustentável, trouxera um grande terror no meio daquela gente incauta e receosa.

Cuiabá, centro do poder político e administrativo, e, por isso, alvo das ambições e rivalidades partidárias, sofreu desde logo os efeitos daquela luta que se esboçava tremenda, como o prólogo de um ciclo de vinditas e represálias futuras.

Muito antes, alarmadas, grande número de famílias tinham deixado a Capital, fugindo para o interior ou buscando a calma acolhedora dos sítios, onde apenas chegavam os ecos amortecidos da deflagração belicosa.

Os *patriotas*, aliciados entre os valentes caipiras do Norte e os vaqueiros poconeanos, de tradicional bravura, sitiavam a capital, e, a despeito da defesa, organizada à última hora, com os recursos extremos do momento, pelas forças federais que ocupavam a cidade, já as fitas vermelhas dos revolucionários *poncistas*, ganhando terreno dia a dia, dominavam os pontos mais estratégicos e avançavam, num claro e iniludível prenúncio da vitória final.

Às vezes, em certas horas do dia, em que profundo silêncio envolvia a cidade deserta, a

fuzilaria irrompia violenta, de parte a parte, continuando por alguns minutos, incessante e furiosa, numa ânsia terrível, num desvario trágico, como a querer precipitar o fim. Depois, caía de novo o silêncio pesado e morno e, só de tempo em tempo, um ou outro ruído cortava aquela quietude triste, feita de uma vigilância recíproca, desconfiada e tenaz.

Sobre a cidade irradiava a beleza daqueles dias claríssimos de maio, lindos e fúlgidos, como um sarcasmo da natureza diante daquela grande tragédia fratricida. Raro, pelas ruas desertas, a lembrar um velho burgo medieval abandonado, um soldado passava a galope, ou um ou outro temerário que se arriscava a sair, esgueirando-se junto aos muros, forçado pela necessidade àquelas perigosas sortidas.

As famílias, segregadas no interior das casas, apenas se comunicavam discretamente pelos muros, e o tiroteio cerrado punha *chiliques* de terror nas mulheres nervosas que se abrigavam, chorando ou rezando, nas alcovas onde ardiavam, em frente ao oratório, as velas das promessas ao Senhor Bom Jesus, para que aquilo acabasse; ou então se reuniam, a conversar, no aposento mais protegido da casa, como se a idéia daquele aconchego as animasse e encorajasse.

As meninas tinham ataques e as velhas, de rosário na mão, tremulas como nos dias de aguaceiro

e trovoada, benziam-se, dizendo não haver memória de coisa assim, desde os horrores da “Rusga”.

E dia a dia, de sol a sol, ou mesmo à noite, no silêncio das grandes noites de maio, estreladas e suaves, mais próprias a idílios e ternuras, as balas explodiam pelas paredes ou de encontro às trincheiras de pedra canga, como um granizo ardente que caísse, a intervalos, sobre a cidade. Esperava-se com ansiedade o desenlace, previsto, a rendição das forças ocupantes, ante o ímpeto arrojado das colunas revolucionárias. Mas, ao mesmo tempo, temia-se que aquela pugna porfiada tivesse um epílogo ainda mais sangrento, quando as últimas resistências se fossem esgotando de lado a lado.

Falava-se em bombardeio, que seria precedido de um *ultimatum*, findo o prazo do qual a fuzilaria dos revolucionários irromperia, terrível, sobre a cidade.

E havia partidos, mesmo no seio das famílias: enaltecia-se com entusiasmo a resistência homérica das tropas do governo e a valentia temerária dos “patriotas” que, maltrapilhos e descalços, afrontavam, sem instrução militar, só impelidos pela sua destreza e coragem, a artilharia regular das forças legais.

Os cépticos sorriam das façanhas alardeadas e os tímidos tinham arrepios de pavor gélido,

quando, a metralha espocava e o clarim vibrava no acampamento, como um apelo doloroso para a morte...

Os víveres já escasseavam e, sobre os horrores da luta, se delineava, sombrio, e esquálido, o espectro, negro da miséria e da fome invadindo os lares.

Receava-se o saque geral, e de toda a parte, naquela angustiada atmosfera de desolação, uma única e tremenda pergunta agoniava os espíritos, combalidos diante de tantas desgraças: — como terminaria aquilo, quando toda aquela gente que se exterminava, curtindo fome e sofrendo horrores, entrasse na cidade, livre e violenta, entregue aos seus instintos ferozes, sofreados agora pela impossibilidade de os satisfazer?

II

Um pedaço de fita vermelha encontrado, ao acaso, num velho, casebre, muitas anos após aquelas cenas dolorosas, deu-me a conhecer um episódio, da revolução, aparentemente insignificante, mas de profunda emoção para quem o interprete na sua simplicidade de tragédia, anônima e obscura. O sacrifício de uma vida desconhecida, o desfecho dramático, de um grande amor, nada representam para quem historia uma época, mas adiantarão, sem, dúvida, ao estudo que se fizer

da índole do nosso sertanejo, tão caluniado e mal prezado pelos que lhe fazem a psicologia nas calçadas da Avenida.

Ramiro era, quando explodiu a revolução, empregado de uma casa do interior que mantinha constantes transacções com a capital. Numa de suas viagens conheceu a Francisca, cabocla simpática e bem feita, por quem se apaixonara e, com o tempo, veio a casar-se com ela, passando a residir numa casinha pobre, num dos arrabaldes de Cuiabá.

Obrigado, pelo seu gênero de serviço, a constantes viagens, Ramiro pouco se demorava em companhia da família e, ao estourar o movimento, estava no Rosário, tendo vindo incorporado à divisão das forças do Norte.

Na trincheira, ficou três dias, sem lograr uma escapada para saber da mulher e, ao cabo desse tempo, não podendo mais conter a sua saudade, pediu ao comandante permissão para “ir ver a patroa”.

— Soldado não tem mulher... retrucou asperamente o comandante, um velho seco e de maneiras desabridas. Espere a revolução acabar e você ira logo de uma vez.

Ramiro não replicou, mas no seu íntimo, formulou o projecto de ir, ocultamente, ver a sua querida, nessa mesma noite, regressando ao acampamento antes do toque de alvorada.

Tinha que andar uns dois quilômetros para chegar até a sua casa.

No outro extremo da rua, porém, estava postado um contingente de forças legais e era arriscadíssima a aventura a que se ia expor.

Isso, longe de desanimá-lo, foi-lhe incentivo à temerária coragem.

Iria. O prazer de rever a sua bela cabocla, após quinze dias de separação, valia bem o risco de vida que ia correr. Mal escurecera — uma noite formosa e límpida — ele saiu pelos fundos de uma casa em ruínas e, escondendo-se no mato dos quintais vizinhos, galgando muros, varando “arrombados”, esgueirou-se, subtil como uma sombra, até as imediações da casa.

Um ruído de galho seco que se partiu pareceu à sua imaginação exaltada o engatilhar brusco de uma arma; a latir de um cão, numa esquina deserta, representou-lhe um grito de alto! e assim, arrastando-se, quase deitado, a ferir-se nas macegas e cansações grosseiros, chegou aos fundos de sua casa, todo escalavrado e sujo de terra, a roupa coberta de picão e carrapicho...

Francisca teve um grito de alegria ao vê-lo e atirou-se, num ímpeto, aos seus braços...

O! Aquele instante pagava todo o esforço e sacrifício da caminhada.

Estreitaram-se longamente e ele, ansioso, perguntou:

— E o pequeno, Chiquinha?

Ela não respondeu, Arrastou-o até o quarto escuro e húmido, onde o menino — filho do seu amor, nascido há oito meses apenas — ardia em febre, o rosto congestionado, ao fundo de um catre revoltado.

— Olha como está... Já faz quatro dias... Era preciso que você viesse... Agora já não deixo mais você voltar, ouviu?

— Eu preciso voltar, *meu coração*. Saí depois do toque de recolher e preciso estar no acampamento antes da alvorada. Caboclo não deserta do seu posto. Mas, o que foi isso?

— Sei lá L...Dentição... Apareceu todo vermelho e já ardendo em febre. E eu sozinha, sem recurso nenhum, como você sabe. Pedi um remédio à vizinha, que ficou de mandar e até agora...

— Era preciso chamar o médico. Mas, nem é bom pensar nisso. Quem quereria vir, arriscando-se ao fogo? E se vier, exige um disparate!

— Que horror, meu Deus! Não poderia esta revolução ter arrebentado mais cedo?

— Ou mais tarde, quando já estivéssemos fora daqui... Você não prometeu me levar para o Norte?

Ele não respondeu.

Olhava para o pequeno e reflectia.

Francisca, apertando a aba do casaco, entre as mãos, chorava baixinho.

— O menino pode morrer esta noite mesmo... E que farei só com ele, pois que você precisa voltar?

Ramiro deu uns passos até à janela que se abria para o terreiro.

Uma réstea de luar pálido, cor de ouro velho, clareava o mato e a lua silenciosa.

Pegou o chapéu, pediu à mulher que arranjasse dois pedaços de pano ou fita, um vermelho e outro azul.

Ela obedeceu passivamente, sem compreender o que o marido pretendia fazer.

Ramiro colocou no chapéu os dois pedaços de fazenda de maneira que cada um ocupasse meia copa do mesmo, que visto de diante parecia levar só a fita vermelha e detrás somente a azul. E explicou à mulher que era para poder transitar iludindo a gente das duas facções: vindo, por exemplo, em direcção à casa, o pessoal da *linha*, que só via a fita azul, não o incomodaria, pois aquele era o distintivo dos legalistas, ao passo que os do acampamento revolucionário só veriam a fita vermelha e o deixariam transitar livremente, como amigo de que não havia recear.

Chiquinha sorriu ao truque imaginoso do seu homem, que sabia sempre feliz e atilado.

Ele disse-lhe, então, que, assim clareasse, iria até à farmácia ver um remédio para o pequeno.

Já os galos cantavam, em desafio, nas chácaras. Com pouco amanhecia: um dia pálido, de sol triste, céus de inverno, com um leve soprar do sul, correndo as nuvens cinzentas...

Ramiro partiu. Mal havia dado uns trinta passos, ouviu os gritos da mulher que, do meio da rua, lhe acenava, bradava num desespero, que o filho ia morrer.

Ramiro não pensou em nada mais, nem viu o risco a que se expunha, correndo pelo meio da rua, fazendo-se reconhecer como inimigo pelas duas posições, pois, naquele transe, nem lhe passara pela idéia virar a copa do chapéu.

Desatara a correr, imprecando contra a sorte cruel que lhe tirava o filho, quando ele se dispunha a envidar meios para o salvar.

Debalde a mulher lhe gritava que virasse o chapéu, que não se expusesse ao fogo, ele não ouvia, nem entendia, no paroxismo da sua dor imensa.

Também já era tarde...

A claridade da manhã nascente, as duas posições inimigas o haviam reconhecido e distinguido a fita do chapéu...

Dois, três, diversos tiros partiram dos extremos da rua, e rompeu, no silencio, cerrada fuzilaria, alvejando o temerário que continuava correndo sempre, já prestes a atingir a sua casa.

Mais alguns passos e estaria salvo.

Francisca! atônita, sem saber o que fazia, precipitou-se-lhe ao encontro, ansiosa, quando uma bala atingiu Ramiro em pleno peito.

Ele encostou-se à parede, quis continuar a correr, mas, numa tonteira, sentiu a vista, turva e um gosto acre de sangue espumar-lhe na boca...

Francisca, num grito de horror, recebeu-o nos braços e o foi arrastando para dentro de casa...

No quarto, ao aproximar-se da cama onde o menino jazia inerte, ele teve uma síncope e caiu pesadamente sobre o solo...

A mulher, chorando, soluçando, beijava-o, sacudia-o, a chamá-lo repetidas vezes, num pranto, convulso...

Ele já não ouvia, já não sofria — repousara, tranqüilo e sereno, no seio suave e misericordioso da Morte...

III

Dois dias depois, acabava a revolução sem saque, sem bombardeio, sem as terríveis conseqüências previstas.

Os “patriotas”, da Legião “Floriano Peixoto”, entravam triunfantes cidade, percorriam-na em passeata vitoriosa e assistiam, na Praça da Catedral, à missa festiva pela vitória das armas revolucionárias.

Estava aberto para Mato Grosso o ciclo sangrento das lutas armadas, cujo prólogo trágico se desencadeara, na sua violência de cataclismo social.

Muitos anos depois, num velho pardieiro quase em ruínas, encontrei aquele pedaço de fita vermelha que evocava, na sua cor de sangue, toda a história dolorosa e heróica da revolução...

E era, para a minha imaginação, como se eu o visse, num grande sonho, a fluctuar, ao toque dos clarins e ao explodir na fuzilaria, no alto de uma trincheira revolucionária...

A ÚLTIMA LUMINÁRIA

A Benilde Moura

Mas certamente, antes que acaba-se a festa, ele se decidira. Vinha de longe aquele gostar um do outro, sem que, entretanto, desse um passo para adiante. A própria intimidade que havia entre eles, aquele meio parentesco que os aproximava, como que os detinha nessa longa indecisão, nesse demorado entrequerer-se, que não passava daquilo. Dançavam juntos nos bailes e era certo receber dele, a cada véspera de festa, a flor simbólica de meiga tradição, que emprazava para a primeira contradança. E eram conversas p’ra cá, risinhos p’ra lá — ele era muito gaiato e ela, alegre e expansiva — e passeios, em que se atrasavam propositadamente dos demais, para mais a vontade tagarelar.

Toda a gente punha tento nisso, menos ele, ao que parece. Ultimamente, já a *inquizilava* a insistência com que todos lhe falavam no rapaz, como se fosse seu namorado e ela, que bem o sabia,

entretanto jamais lhe ouvira a menor alusão, mesmo velada, que autorizasse as versões que por aí andavam.

— Chi! Nhôrinha. Tá quente que agora não passa desta festa...

— O que é?

— O nhô Luís lhe pedir.

— Cala a boca, minha nega. Onde é que você tirou isso? Aquilo é amizade de família. Você não sabe que um irmão dele, o Zébinho, é casado com a prima Nenê?

— Sim. Morde aqui, minha sonsa.

E assim toda a hora. Todo o dia. Cinco, dez vezes no dia. A pobre da moça já se limitava a sorrir quando lhe vinham com aquela conversa. Sorria, para disfarçar a mágua que lhe ia dentro d'alma pelo protelar indefinido do acto que deveria decidir do seu destino. E já começava a emagrecer a ponto de dar na vista. Os vestidos lhe esvoaçavam flácidos e frouxos sobre o corpo. Não tinha apetite e pouco dormia, custando-lhe conciliar o sono, as vezes já com o primeiro cantar dos galos.

Acordava, com olheiras violetas, que lhe vinham ao meio do rosto moreno-pálido. Por último, deram para lhe aparecer, pelos braços e pelo colo, umas manchas escuras, que depois iam ficando pardacentas, até sumirem, para brotarem mais adiante.

Nervosa, mostrara à mãe que lhe disse serem manchas das chamadas “melancolia”.

— Alguma coisa preocupa você, filha, Por que não abre o coração à sua mãezinha? Mágua que se conta, fica repartida, dói pela metade.

— Nada, *nha* mãe, não é nada — e descendo a manga do casaco que arregaçara, Nhôrinha foi saindo para o terreiro, a dissimular um gesto furtivo com que limpava, nas costas da mão, uma lágrima teimosa que lhe escorria pelas faces. Era aquela a primeira vez que chorava por um homem...Que vergonha!

•
••

Tudo aquilo lhe passava e repassava pela memória, enquanto no seu quarto, em frente ao espelho do lavatório, se preparava para a iluminação. Já vestida, se pôs a empoar, muito ao de leve, o arminho mal a esflorar-lhe a pele veludosa o rosto, o pescoço, os ombros e os braços, as axilas glabras e rosadas. Do lado de fora, já por duas vezes, o pai a chamara, insistente:

— Nhôrinha, vamos. Olhe que vai ficando tarde e nós precisamos voltar mais cedo porque sua mãe está incomodada.

Cerca de sete e meia saíram, e, quando puseram o pé na rua, ouviram o estralejar da girândola que anunciava o fim da reza. Viraram a esquina da rua da Igreja, toda cheia de arcos,

galhardetes e “luminárias”, em duas filas que subiam paralelas, vindo da casa do festeiro e indo acabar em frente ao templo.

Uma “roda” vistosa, policrómica, como uma grande flor de fogo, começava a queimar-se, no meiro do adro, lá no alto da rua. Pararam com a família do Pindóca, chegada do sítio, à beira do Paraguaizinho. Conversa trivial, de colheitas, do veranico muito demorado, tendo soprado o suão três dias na campanha, da perda do gado, em consequência da peste.

Seguiram. Mais adiante, Nhôrinha viu Luis, todo alinhado no seu parêlo de casemira, cor de cinza, lencinho de cambraia, flor à botoeira, acompanhando as Olivais, umas pequenas muito conhecidas como “sapequinhas” de marca.

Não lhe agradou aquilo, mas, fingindo indiferença, passou pelo grupo, cumprimentando-as a contragosto. Já lhe haviam dito que a Xêxê, a mais nova daquelas sirigaitas, gostava do Luís. Mas nunca suspeitara qualquer coisa da parte dele. Umas lambisgórias, sem modos, nem decência, que até pareciam, mal comparando, mulher solteira... Uma delas, a. Bigi, diziam até que era “caseira” do Tomásão do Campim Branco.

— Deus me perdoe — e bateu com a ponta dos dedos nas faces — mas bem bom caminho levava nhô Luís...ele que não era nenhum santo, metido no meio daquela gente!

Foi andando, andando, até que ao fim da rua, quase à altura da igreja, o Luís veio alcançá-la. Tinha deixado as outras e viera para o seu lado, todo mimos e atenção. Vieram descendo, devagar, a rua larga, entre os cordões de luminárias que, de um e de outro lado, ardiam, crepitantes, na doçura da linda noite diamantinense. Tomaram pela rua que ia para o Capim-Branco, parando à porta da casa de *nhá* Tinóca, nos 4 cantos, longo tempo, a conversas, numa surdina deliciosa de magia, de enlevo, de encantamento.

Luís repetia-lhe à meia voz as eternas palavras que, desde que o mundo é mundo, o amor tem posto na boca dos homens, para ilusão e encanto da vida. Que tudo o que diziam dele com as Olivais não passava de mexericos e diz-que-diz-ques. Que só nela pensava é somente teria sossego quando fossem um do outro, e pudessem receber a bênção do padre na igreja florida, aos pés do altar de Nossa Senhora da Conceição, madrinha deles dois. Conversaram, conversaram, conversaram...

Já noite velha, o pai, que tinha entrado para um gamão com a comadre *nhá* Tinóca, veio de lá dos fundos, gritando:

— São horas de recolher, Nhôrinha! Olhe que já vai por dez ou mais... A iluminação já acabou.

Vamos, papai. O senhor também é que demorou tanto no jogo — disse a moça, como se excusando, posto que, no íntimo, lhe parecessem tão curtos, tão fugitivos, tão breves aqueles instantes de felicidade absoluta. E vieram descendo, ainda enlevados na conversa, pela rua silenciosa e deserta, ao fulgor das derradeiras luminárias que se iam apagando...

•
••

Noivos, pelo Natal, começou para Nhôrinha uma vida de rosas, logo, porém, interrompida. Luís foi para o sítio depois de Reis, ficando de voltar antes da Semana Santa, que esse ano vinha cedo, em fins de março.

Nhôrinha principiou a preparar o seu enxoval. O casamento se emprazara para o aniversário dela, a 8 de setembro. Não havia, pois, muito tempo. E com aquele amor que só o amor pode inspirar, com aquele minucioso desvelo que só encontra comparação no das aves ao fazerem o ninho, a moça se pôs a costurar as roupas brancas, as camisas de linho alvíssimo como os lírios, as anáguas leves como espumas, as saias brancas bordadas com- caprichos de artista, os lençóis, às franjas de cambraia, as toalhas de renda e de crivo... Queria que tudo fosse obra exclusiva das suas mãos, queria ser ela mesma a artífice da

sua ventura, a manufactureira da felicidade entressenhada, no lar amigo, ao lado do seu querido.

Março já ia em meio, com as últimas chuvas grandes engrossando o Ribeirão de Ouro de águas claras e cantadeiras, quando Nhôrinha recebeu, por uma tarde triste e nublada, uma carta do seu prometido. Dizia-lhe, em poucas linhas, não poder vir, como combinara, pois o pai adoecera e ele estava sozinho à frente do serviço. Um baque no coração sensível da pobre menina! Daí alguns dias outro peor: o pai de Luís morria, de uma infecção violenta, de fundo palustre. A fazendola distava cerca de oito para nove léguas de Diamantino, e os caminhos eram maus, sobretudo naquele tormentoso fim das águas.

Não havia como ir ao socorro de Luís, como confortá-lo naquele duro transe... Um mês de espera, de angústias e receios...

Um belo dia de maio, Luís apresentou-se em Diamantino. Vinha tratar do inventário. Magro, quase espectral, mais impressionante ainda no seu rigoroso luto, o noivo perdera aquela sua antiga alegria expansiva e vivaz. Demorou-se uns quinze dias. Nhôrinha achou-o diferente, o que atribuiu ao golpe por que havia passado. Um, dois, três meses sem notícia. Ele ficara de voltar em setembro, conquanto, devido ao luto, o casamento tivesse de adiar-se para o outro ano. Mas setembro entrou com os seus dias gaios e luminosos,

com álaçre vozeio das araras, a *matinada* ruidosa dos periquitos e o doce aroma dos primeiros cajuás. O dia de Nossa Senhora do Bom Despacho, que era o dia dos anos dela, correu fúnebre, pesado de tristeza.

Nem uma palavra do Luís. Nem um “próprio” que viesse trazer-lhe umas linhas de saudade! Nada! Que estaria sucedendo? Porque tão inexplicável silêncio? E Nhôrinha, com o coração apertado, via deslizarem-se, uma por uma, sobre as rendas alvíssimas do seu enxoval de noiva, as lágrimas doidas da saudade — pérola e aljofres que, adorno inédito e pungente, lhe vinham afeitar aquelas peças urdidas pela esperança, e pelo amor e agora lastimavelmente destinadas ao desprezo e o abandono...

•
••

Pelos começos de dezembro, já ao iniciar-se a novena da Padroeira, correu pela pacata Diamantino uma notícia de escândalo : a Xêxê, uma das filhas da viúva Olivais, abalara para a cidade em companhia de *nhô* Luís que, de passagem do “Fundão”, a levava consigo. Bem que o povo há muito vinha rosnando. Já na sua vinda, logo de pois da morte do velho, fizera moça a atitude singular com que se metera, dia e noite, na casa daquela gente de má nota, sem respeito ao

próprio luto, à noiva, e à sociedade. Agora, vinha o desfecho que se podia esperar.

Nhô Luís vendera o sítio do pai por pouco mais de nada, uma tuta-e-meia, torrara o gadinho, entregando a casa da vila aos irmãos e fora-se rumo à cidade, realizando o seu velho sonho.

Para a desventurada noiva que, longos dias e longas noites, por ele vinha chorando, não tivera aquele monstro uma palavra sequer! Nem ao menos a atenção de uma carta desfazendo o trato de casamento. E além de tudo, a afronta suprema, o achincalho cruel daquela fuga, que em tamanho ridículo a envolvia! Mergulhada nos mais negros e tristes pensamentos, Nhôrinha surpreendeu-se aquela tarde ao ouvir a palavra terna e grave do pai que lhe dizia:

— Filha, deixe de tanta tristeza. Você pensa demais no que não vale a pena. O que não tem remédio, remediado está. Olhe, você sabe que dia é hoje?

Ela fez um gesto abstracto de indiferença, enquanto o pai, passando-lhe ao de leve a mão pelos cabelos longos e soltos:

— Hoje é a véspera da festa de Nossa Senhora da Conceição, sua madrinha e santa padroeira do Diamantino. Você vive tão abstracta que nem se lembra desta data que tantas vezes festejamos com tanta alegria. Olhe, vá se vestir e vamos até a igreja ver a iluminação. É preciso

tapar a boca dos que andam dizendo que você está gira, apaixonada, sofrendo da cabeça... por causa daquele miserável.

A muito empenho do pai, a moça vestiu-se e o acompanhou, num passo, lento de abúlica, dando a impressão de uma sonâmbula. Toda a rua, larga, ascendendo para a igreja, constelava-se de luzes. Num duplo renque, as “luminárias”, de casca de laranja azeda umas, outras de barro, com recheio de cebo e morrões de fio de algodão, sobre rústicas estacas, formavam um conjunto pitoresco. Pelo meio, em vai-e-vem, desfilava o povo em alacridade festiva. Ao chegar a esquina, viraram para o lado do Capim-Branco, pois ao Moutinho entrara a cocegar-lhe o espírito o desejo de uma partida de gamão com a comadre.

Uma roda se havia formado à porta, mas Nhôrinha preferiu entrar para poupar-se à bisbilhotice dos presentes. E ficou-se, passiva e inerte, a ver decorrer a partida do gamão, entrecortada das gargalhadas da comadre Tinóca e dos impropérios de Moutinho, que perdia obstinadamente aquela noite. Já as visitas todas se haviam retirado, quando o velho deu sinal de partir. *Nhá* Tinóca insistiu ainda por um cafezinho com biscoitos, e, lá por volta de dez horas, quando saíram, já a iluminação havia acabado.

Apenas na rua da Igreja, esquina da casa do Fanché, como quem desce para o Quilombo.

Uma luminária bruxoleava, nos supremos arrancos da agonia, antes de apagar-se na grande treva circunjacente.

Planava sobre o vale adormecido, como descendo do céu e dos morros de em torno, uma grande, comovida tristeza.

Nhôrinha lembrou-se de um ano atrás, quando por ali passara, àquela mesma hora, acompanhada do Luís, risonha, irradiando esperança e ventura... Muitas eram então as luminárias que ainda crepitavam ao estrugir dos últimos foguetes.

Hoje — e o seu pensamento indominável ia tão longe, tão longe, Tombador acima, até a cidade distante — hoje, na noite velha do seu desolado abandono, somente via brilhar, — extrema lucilação de um sonho perdido, derradeira ilusão prestes a morrer no desalento — supremo aquela última luminária, que, dentro de alguns momentos, se apagaria na grande sombra, em que morrem e desaparecem todas as coisas boas da vida...

O QUE TEM DE SER

A Rubens de Mendonça

Eram primos e tinham sido namorados. Ele, porém, fora tentar a vida longe e ela, cansada de esperar e receosa de ter de ficar a sós no mundo, quando lhe morresse a mãe já velha e doente, aceitara o bom partido que se lhe deparava na pessoa do *seu* Tavares, velho pacato e negociante abastado, que todos concordavam em julgar um homem de bem.

Luisinha não o amava, mas como ele se lhe mostrava tão afectuoso e dedicado, acedera-lhe ao desejo de ser sua mulher.

Tavares era muito respeitador, discreto e sério. Dava-lhe presentes finos, levava-a a festas e passeios, trazia-lhe romances de Pierre Salles e Zevaco, — obras próprias de uma moça de sociedade.

Quando lhe morreu a mãe, — eles tinham pouco tempo de noivos — Tavares fez toda a despeza, proporcionando-lhe um enterro de primeira

classe e chorou, na hora do saimento, como se já fosse da família.

Mandou celebrar missa de sétimo dia, no cemitério, com dobre de sinos e, encomendação e pôs convite, em nome de Luisa, no jornalzinho da terra.

A moça foi se deixando aos poucos tomar de uma sincera estima por aquele homem generoso e bom, que podia ser seu pai e que parecia nutrir por ela a mais terna afeição, sem que entretanto, nunca -lhe falasse de amor. Casaram-se. A convivência lhe fez descobrir no marido defeitos que noivo não havia mostrado.

Luisinha, ainda assim, continuou a estimá-lo, como se quer a um amigo, um pouco menos que a um pai e um pouco mais que à um tutor.

Ele era para ela um parente, a quem não a ligavam laços de sangue mas de espírito e gratidão.

No seu temperamento calmo e na sua educação mediana, acabou pondo nele todo o seu afecto, todo o seu sentimentalismo burguês de criatura incapaz de grandes paixões ou amores violentos.

A sua alma de rapariga ingênua e dócil se afez, àquele viver simples do lar, em que nada lhe faltava, pois Tavares se fazia junto dela liberal e mãos abertas, procurando adivinhar-lhe os pensamentos, como para compensá-la, com aquele

excesso de afeição, da enorme diferença de idade que entre ambos havia.

De si para si, o velho felicitava-se por haver, no crepúsculo da vida, achado aquela meiga e bonita companheira, terna e submissa, sem exigências nem reservas, que lhe satisfazia a todas as vontades, sem lhe pedir coisa nenhuma.

Nos seus sessenta anos bem vividos, aquela moça, que completara vinte, representava uma flor cheirosa e linda aberta no muro velho de uma tapera.

Fazia cinco anos que se tinham casado e, embora não tivessem filhos, a existência em comum lhes corria calma e feliz como nos primeiros tempos, salvo pequenas desavenças, quase sempre oriundas de ciúmes de parte a parte (mais dele do que dela, naturalmente) e que, logo, se iam, como vinham, sem deixar grandes dissabores.

Tavares tivera, até o casamento, uma “caseira”, que lhe dera alguns filhos — a Miquilina, que fora morar para o Baú, e a quem ele mesadeava, com conhecimento da mulher.

Luisa nunca se opusera a essa liberalidade do velho, em que via o natural dever de amparar os filhos havidos com a comborça de muitos anos.

Um dia, porem’, vieram dizer-lhe que Tavares saía da loja todas as tardes para ir à casa da antiga companheira. Aquilo doeu-lhe fundo. Interpelou-o. Ele negou, redondamente.

A dúvida, porém, ficou-lhe como um espinho cravado lá no fundo da alma.

E perguntava-se, com secreta mágoa, que necessidade tinha o esposo de buscar os afagos da “outra”, velha e gasta, de quem deveria achar-se farto, quando a possuía, a ela, nova e submissa aos seus desejos?

Ignorante das tremendas leis fisiológicas que regem os fenômenos da libido, a meiga Luisinha revoltava-se contra aquela escravidão do hábito que se manifestava por parte do marido, indo procurar a Miquilina, quando poderia satisfazer-se com ela.

Isso, todavia, nada alterou a cordialidade aparente das suas relações com Tavares, a quem somente, passou a ver, no íntimo, com secreto menosprezo, com um dissimulável desejo de vingar-se daquela felonía tão rude quão injustificada aos seus olhos.

II

Iam assim vivendo sua vidinha sossegada e sem novidades, quando, uma tarde, depois que Tavares saíra para a loja, Luisa, chegando à janela, cuidou ver, uma rapaz que passava a cavalo, a pessoa do seu antigo namorado. Era Minguito, não havia dúvida. Teve um sobressalto, como se visse coisa do outro mundo.

O cavaleiro, porem, dobrara a esquina sem a ver, no trique-traque de uma equipada larga em que fazia chispar os cristais do calçamento.

Luisinha não o viu mais durante essa semana.

Uma noite, conversando na varanda, depois do mate, o Tavares contou-lhe que havia convidado para vir jantar com eles, no dia seguinte, o Minguito, da tia Adélia, que tinha chegado, como representante de urna firma comercial da Capital e com quem ele queria acertar uns negócios de grande vantagem.

Luisa sentiu uma estremeção, que passou, felizmente, despercebido, ao velho e, affectando desinteresse, perguntou-lhe se já fazia dias que Minguito havia chegado à vila.

Uma semana, mais ou menos.

E Tavares lhe contou, por alto, a história do primo. Minguito, muito inteligente e trabalhador, conseguiu arranjar um bom emprego no comércio da Capital e, graças às suas qualidades, chegara a representante de algumas das mais fortes casas importadoras, que operavam com as localidades do interior do Estado.

Acrescentou que ele viera ali a negócios e também a passeio, visitar os parentes, que a cinco ano não via e com intenção de levar a velha, a tia Adélia, para a sua companhia. Era, diziam, noivo

da filha do seu antigo patrão, moça que levava de dote para fora de duzentos contos.

A Luisa custou-lhe a conciliar o sono, nessa noite, com a lembrança do velho namorado, seu primeiro e único amor.

Uma suave, enternecida sensação lhe vinha do mais fundo d'alma, um vago anseio de carinho e de felicidade que a vida não lhe dera, apesar de todo o bem estar e estima de que a cercava o marido.

O que ela sentia, ela mesma não o sabia explicar: — era assim como que um remorso, de não haver esperado, e um receio de ainda poder esperar qualquer coisa ... Mas esperar, como? E o que? Se ela era casada e nunca, na sua compreensão honesta da vida, no seu rudimentar sentimento de fidelidade inquebrantável ao homem a quem se dera, jamais lhe passaria pela mente a simples hipótese de falsear o seu compromisso de honra tomado aos pés do altar.

Ele, por outro lado, já era noivo, já era “quase de outra”.

Não podia dissimular a magoa que aquilo lhe causava. Como que se sentia traída, esquecida, por quem tantas juras de constância lhe havia feito, sem se lembrar, no seu egoísmo de amorosa, que fora ela a primeira a afastar-se do prometido.

Somente conseguiu dormir pela madrugada já ao gali-canto que se amiudava.

Tavares, ao seu lado, roncava alto, num forte ofegar do peito musculoso e peludo, que a camisa entreaberta deixava ver.

Luisa sentiu uma instintiva revolta ao imaginar que era, para toda a vida, uma “coisa” que aquele homem havia adquirido.

Pertencia àquele orango velho, como lhe pertenciam a casa, os móveis, as mercadorias. E era dele, sem que o amasse, somente porque ele a comprara, com agrados e presentes e a mantinha com o seu dinheiro.

Por que cedera tão facilmente aos seus propósitos?

Via-o agora em toda a sua nudez-moral, que lhe repugnava tanto ou mais que a outra. Percebia nele, sob a cutícula da estima banal, o formidável egoísmo, que a trazia presa e fora de todo o contacto social, pelos zelos que ela lhe despertava.

E olhando-o, de soslaio, sentia nele o homem rude de balcão, abrutalhado e banal, que erigia o dinheiro em seu deus, que não tinha crença de espécie alguma, que não fosse o culto da sua caixa-forte, e a trouxera para ali apenas para ter um animal em que se cevasse, como se leva uma rês para o matadouro.

Nunca aquele homem tivera junto dela uma frase de espírito, a mais leve manifestação de um sentimento, e, até mesmo nas mais secretas efusões,

era sempre o mesmo, seco, grosseiro e materialão.

Fazia tudo como quem cumpria um dever: punha nos mais altos transportes da sua vida íntima, o mesmo cálculo frio que demonstrava ao fazer os balanços da sua casa comercial!

Luisa soluçava, baixinho. Evocava os seus quatorze anos dourados e florentes, quando, romântica e comovidamente, lia os versos e as novelas que Minguito lhe dava e lhe ouvia, nas entrevistas à esquina ou mesmo nas suas longas conversas à porta de casa, tantas frases delicadas de amor...

Um dia, nas vésperas de partir, increpando-lhe as prováveis infidelidades que iria ter, quando não mais se vissem, o moço dissera, como a consolando:

— Não há perigo, Luisinha. Se tivermos de ser um do outro, seremos. O que tem de ser trás força...

Agora, porém, pensou a pobrezita, já não pode ser...

Não há força que possa concertar isto!

III

Noutro dia, de veio para o jantar. Luisa foi quem o recebeu, pois Tavares ainda não havia chegado da loja.

Estava um homem feito, robusto e guapo, de rosto corado e cheio, bem escanhoado, boas roupas e muito prosa.

Conservava aquele mesmo sorriso doce nos lábios grossos e aquela mesma expressão melancólica nos olhos castanhos.

Conversaram banalidades até a hora em que o velho chegou.

O jantar correu cordial e alegre. Depois do café, os dois homens se retiraram para o escritório, afim de tratar de negócios.

Luisa somente voltou lá para levar-lhes café. Minguito retirou-se tarde, mas ela, já acomodada, não mais o viu.

Tavares quis chamá-la, mas o rapaz, fazendo ver que era incomodo, agradeceu, pedindo que desse suas lembranças “à prima” e dizendo que haveria de voltar para vê-la, antes de partir.

E, de facto, voltou, mas para visitar o Tavares, que logo no dia seguinte amanheceu adoentado. Era uma pleurite, de evolução muito rápida, que encontrou poucas resistências no organismo já combalido do quase septuagenário.

Tavares morreu ao cabo de doze dias.

Não houve volta para o mal.

Veio até médico da cidade, e um dos melhores. O mal era mortal e teve marcha quase fulminante.

Luisa passou os sete dias chorando. Queria bem aquele velho, que, por cinco anos, se acostumara a ver a seu lado dia e noite, e que embora seus defeitos e quizilas, mostrava adorá-la perdidamente.

Que fazer, porém, se não conformar-se?

Era moça e a vida, quando se tem pouco mais de vinte anos, esquece depressa. A mocidade tem seus direitos. Pensou, uma noite, em Minguito.

E começou a pensar nele todas as noites. De dia, as visitas, os cuidados de casa, os preparativos do luto, lhe tomavam o tempo, mas, quando escurecia, sozinha quase, naquele casarão sombrio, a idéia se lhe povoava de tantos fantasmas, o que era o mesmo que sua alma fosse uma tapera de assombros.

Mas não eram os mortos que lhe apareciam mais freqüentemente e, sim, os vivos. Um, sobretudo, bem vivo na sua memória. Já se teria ido embora? Lembrava-se de o ter visto na missa do sétimo dia. Depois, nunca mais aparecera. Certo que não iria sair sem se despedir dela.

Também ele já estava demorando a partir, visto que lhe dissera não poder ficar ali mais de mês.

Tais pensamentos iam é vinham, de novo iam e revinham, mas não a deixavam. Tinha vontade de perguntar por ele, mais receava que maliciassem e assim, ia esperando que alguém casualmente,

no correr da conversa, falasse qualquer coisa sobre o moço.

Nesse estado de espírito se achava quando uma tarde — chovia desabaladamente — sentiu baterem de leve a porta do meio.

Com aquele tempo, quem poderia ser? Chamou a rapariga que lhe fazia companhia para abrir a porta.

É *seu* Minguito! — gritou a moça, do sobrecorredor.

Luisa esfriou-lhe todo o corpo àquelas palavras.

Não teve nem como dizer que o fizesse entrar para a sala de visitas.

Quando viu, ele já estava perto dela, na sala de jantar e dizendo:

— Que chuva terrível! Fui obrigado a entrar para não me derreter...

E ria, mostrando os dentes claros, enquanto tirava a capa molhadíssima.

— Só mesmo a chuva... disse ela, para dizer alguma coisa.

— Não, Luisinha. Não foi a chuva! Vou dizer a verdade. Eu vinha mesmo hoje aqui...

— Para se despedir? Perguntou ela, com um susto no coração.

— Quase... Devo sair nesses oito dias. Os negócios ficaram um pouco demorados.

— Também assim dá mais tempo de matar as saudades, não?

Houve um curto minuto de silêncio. Luisa ofereceu um conhaque, “para aquecer”, e foi buscar no guarda-louça. Ele seguiu-a com os olhos e com a alma. Estava linda, no seu vestido caseiro, de luto e, em chinelas. Singela e encantadora, era a mesma de cinco anos atrás, mais mulher, talvez e, por isso mais apetecível.

Ele ficara numa cadeira de balanço, junto da rede do canto, onde ela viera, por sua vez, sentar-se.

E começaram a conversar, muito naturalmente, já então completamente à vontade, como se tivessem largado na véspera.

Para experimentá-lo, Luisinha disse, sorrindo de leve:

— Deve ter pressa de voltar por causa de sua noiva, não?

— Quem lhe disse que sou noivo? Não é verdade. Namorado, quando muito isso mesmo...

— Para de negar, Minguito? — disse ela, meio tristonha, como se o censurasse por aquilo.

— E que fosse, o que têm? Você não se casou também?

— Percebendo a reprimenda delicada, ele calou-se. Uma atmosfera constrangida pesou sobre eles.

A chuva, lá fora, continuava a cair, rija e bulhenta. Dentro, porém, da varanda, de janelas cerradas, reinava um silêncio de idílio casto.

Minguito aproximou a cadeira para mais junto da rede, e ia, levemente, embalando os punhos. Luisa sentia um verdadeiro quebranto, quando olhava para o moço. No suave embalo, deixara cair os chinelinhos de pano sobre a esteira de buriti e os seus lindos péritos, carnudos e alvos, pareciam, na penumbra, duas pombas-rolas que esvoegassem sobre o tapete rústico.

A rede rangia nas escápulas, naquele nhêm-nhêm característico que imprime uma invencível languidez aos que o escutam.

Sorriam, nessa expressão de quem deseja falar tudo e não sabem como principiar. Na gaiola do *pripiri*, no centro da varanda, um canário do reino começou a bradar. E a chuva continuava a cair torrencialmente, só vindo a amainar lá' pela tardinha, quando Minguito pôde sair...

IV

A vila recebeu, estupefacta, seis meses depois, a noticia que a viúva do Tavares ia casar-se com o Minguito.

Estavam entre si prometidos. E somente esperavam terminar o luto do primeiro marido. O caixeiro-viajante resolvera abandonar a representação das casas da cidade e vir estabelecer-se na sua terra.

Ficaria à testa da casa de negocio do Tavares.

Herdeiro universal... — boquejavam os invejosos.

— Foi obrigado a mudar-se, por ter desmanchado o noivado da cidade — diziam os despeitados.

Não era exacto. A verdade é que estava quase a pedir a outra, quando encontrou Luisa, e ainda, sem quebra de compromissos, pôde — como ele dizia “*endireitar a escrita*” dos seus destinos.

Casaram-se pelo S. Benedito, na festa da tia Adélia, que, nesse ano, caiu de rainha.

Não houve baile, nem nada. Tudo à capucha.

Os noivos foram para casa, cedo. , A hora da saída, houve quem dissesse à Luisinha, querendo, a encabular:

— Sim, Senhora. Este casamento estava escrito... Olhe que você, um ano atrás, não podia esperar por isso...

Luisinha, endireitando o véu, com um sorriso delicioso, respondeu, olhando para Minguito, com outra pergunta:

— Você se lembra, aqui mesmo, neste lugar, o que me disse, faz seis .anos?

E ele, apertando-lhe as mãos com alma, numa expressão carinhosa, repetiu a frase de outro tempo:

— O que tem de ser trás força...

Nota: Este texto foi também publicado na “Revista das Academias de Letras”, Ano III – Fevereiro de 1939 – N° 7, Rio de Janeiro.

A CORTINA BRANCA

A Benjamim Duarte

Pode trazer-nos alívio e consolação a morte de alguém que muito amamos, de alguém estremecida com todas as veras d'alma, de alguém cuja lembrança viveu dentro de nós longamente, dia e noite, nos anseios de uma distância em que a saudade, “presença dos ausentes”, no-la trazia sempre diante da vista?

A história que vou narrar, tal como á ouvi, nos longes dias de minha infância, demonstrará que sim, posto pareça o mais extravagante dos absurdos.

Tece a vida muitas vezes dessas situações que deixam a perder de idéia a fantasia dos novelistas mais férteis. Não fora assim, de resto, e já não haveria assuntos para se escreverem os romances que entretêm, nas vigílias sentimentais, ou na sala dos dentistas, a imaginação das moças casaduras.

•
••

Entre os estudantes cuiabanos que o governador Caetano Pinto enviou à Corte portuguesa, ao entrar do século passado, figurava João Pedro de Moraes Baptista, filho único de D.^a Lucrécia de Moraes e Siqueira e neto peja linha materna do paulistano Antonio de Moraes Navarro, um dos mais famosos cabos de guerra nas campanhas setecentistas contra os paiaguás. Lucrécia, cuja fama de beleza e estouvamento a tradição conservou até pouco tempo, fora casada com o licenciado Joseph Duarte do Rego, e residia no seu sobradinho da Rua de Baixo, com fundos para a Rua da Esperança, esse mesmo que ainda hoje vemos erguer-se ao canto da praça 13 de Maio e que, através do tempo, mudou a sua denominação popular de “sobradinho de Dona Lucrécia” em “sobradinho do saboeiro”, que foi como, na meninice, o conhecemos. João Pedro ali nascera e fora criado, té quando em novembro de 1800, seguira, com seis outros companheiros, afim de prosseguir os seus estudos na Capital da metrópole. Fizeram a viagem pelo caminho do Pará, Guaporé, Madeira abaixo, vencendo as inúmeras cachoeiras, as penosas “varações”, as insídias dos selvagens, os insectos malignos e as feras e serpes traiçoeiras, toda a série de perigos e torturas que salteavam o viajante nessa longa jornada através dos inóspitos sertões do norte. Um pensamento, porém, animava e fortalecia o espírito do moço

cuiabano, inculando-lhe coragem na rude travessia e acenando-lhe com a fagueira esperança do retorno desejado: — era a recordação da sua noiva, a meiga Lizarda, com quem, vesperando a partida, trocara juras de amor e fidelidade.

Era para ela que se lhe volvia a lembrança naquela interminável caminhada de léguas e léguas, já no duro palmilhar das matas densas e escuras, ao sirgar as canoas ou ao esfrolar macio das corredeiras, já, em pleno oceano, ao balanço sereno da embarcação que os levava rumo à fascinante princesa do Tejo, que lhes acenava, com amavios de sereia, à imaginação juvenil.

Parecia-lhe tudo aquilo um sonho, um grande sonho, de que presto acordaria, de novo ao lado dos seus queridos, dos quais nunca pensara apartar-se. E via-se com pouco, terminados os estudos, de volta a sua doce vila entremontana no aconchego feliz de um lar todo seu, ao lado da sua dilecta Lizarda, cujas feições suaves, quase místicas, lhe entressorriam, na vigília ou no sonho, a cada instante, ao mais leve pretexto.

E assim viu João Pedro correrem como as águas do rio, as horas, os dias, as semanas, os meses, e os anos, com que o tempo, nos seus misteriosos bastidores, teve a teia da vida fugitiva.

Longe do bulício estonteante da grande capital do ocidente, da formosa metrópole lusa, ainda fulgindo no esplendor dourado dos seus palácios

e mosteiros, que o ouro do Brasil erguera e decorara durante dois séculos, num recanto sertanejo, num vilarejo de mineiros e mercadores, silente e perdido nas solidões misteriosas dos trópicos, um coração pulsava, talvez a essa mesma hora, isócrono com o seu, enquanto umas doces, leves, pequeninas mãos teciam e bordavam, no rústico bastidor, as peças de crivo e de bretanha, para o enxoval do noivado, teciam-nas como o tempo, nos seus misteriosos bastidores, tece as horas, os dias, as semanas, os meses e os anos de que se urde, tio a fio, a trama fugitiva da vida...

•
••

Nove anos, nove longos anos durou a ausência do moço enamorado, Não tanto durara a constância e firmeza de sua prometida. As cartas, em que o seu coraçãozinho virginal palpitava sob a discreção da obreia, de freqüentes que eram a começo, foram rareando, após o primeiro lustro de ausência, e acabaram mesmo por cessar. Notícias indiretas iam-no pondo a par da volubilidade de Lizarda, que, como a falena inquieta, convolava a novos amores e novas ilusões.

Por fim, num baque violento, que foi como o súbito desmoronar de todo um castelo de sonhos, lhe veio, já quase às vésperas do regresso, a nova

das próximas bodas da dodivanas com um oficial de milícia recém-chegado à Capitania. Estavam marcados os esponsais para dezembro, coincidindo com a quadra em que, pelo seu cálculo, João Pedro deveria chegar a Cuiabá. O destino compraz-se, às vezes, nessas inconscientes ironias. Apressou o mancebo a partida, como si, no coração presago, alguma esperança entreluzisse ainda. E ei-lo de novo, mas em fora, num frágil veleiro, ao fulgor dos dias assoleados, nas calmarias do Equador, ou nos esplendores plenilunares, mágicos e evocativos — com o coração precipite a bater-lhe nas arcas do peito, em marulho de inquieto alvoroço, mais inquieto certamente que o do infinito pélagos que o cercava e cujos vagalhões via quebrar-se na proa do navio, donde alongava olhos saudosos para a fímbria longínqua dos horizontes, como no descortino alucinante de uma visão inatingível...

•
••

Não regressou pelo Norte, ínvio e povoado ele angustiosos pesadelos, de rios imensos e florestas quase intransitáveis. Preferiu o caminho do sertão, a estrada das tropas, varando por São Paulo, Minas e Goiás, com direcção ao porto do Rio Grande, onde, pelo Passavinte, se encaminhou

rumo à sua vila natal, através de cerca de cem léguas quase desertas. E nos “pousos” armados à beira dos córregos, junto aos capões floridos, ouvindo o vento ciciar nas folhas das umburanas, sentindo o acre odor das resinas selvagens, vendo abrir-se, no ar pardo do crepúsculo, a flor do embirussú, alva e linda como uma grinalda de noiva, a sua imaginação esvoaçava, como aqueles tristes bacuraus que entrevoejavam ao lado do rancho, num mole espanejar de azas tontas, desferindo arrancos semi-doidos na meia treva do entre-dia.

•
••

Quando a madrinha, toda enfeitada, chocalhante de guisos, assomou no alto da “Mandioca”, e as primeiras casas do povoado branquejavam numa curva da estrada, João Pedro sentiu que o coração se lhe apertava estranhamente. Teria de passar pela casa de Lizarda, que ficava numa esquina, no voltar para a Praça Real, em ponto que de longe se divisava, dada a sua proeminência. Se atalhasse, daria na vista, seria peor.

— Vá, que tem? — disse-lhe o coração você não tem culpa nenhuma de tudo o que aconteceu. Não deve incomodar-se com isso...

E se fosse aquele o dia do casamento? Bem podia ser. Véspera de Natal, e, mais sábado...

Belo dia para umas bodas! Não era o que eles haviam combinado, antes da partida? Casar pelo Natal... Doçuras do fim de ano, entremescla esquisita e deliciosa de esperança e de saudade...

Vinham descendo a rua de Cima. A tarde agonizava numa síncope lenta e doce. Uma luz que era quase penumbra, dourava os telhados de ardósia, lavados das chuvas recentes. Um sino tangia as ave-marias. Devia ser o da Sé, o seu velho sino amigo, que ele tanto conhecia e cujo som grave e terno lhe trazia as mais gratas e pungentes recordações. Pensou em sua mãe, que tantas vezes, a essa hora, o fizera sentar-se ao colo, na varanda do “sobradinho”, para ensinar-lhe as rezas maravilhosas e inesquecíveis da infância. Pensou também em Lizarda, naquela última entrevista que tiveram, junto ao portão, a sombra de uma chagueira, ela toda de branco, os cabelos soltos em duas tranças negras e luzidias, que lhe vinham bater na curva da perna, trazendo sobre o seio um lindo relicário de ouro com enfeites de esmalte... E sobre aquele relicário haviam se prometido constante e firme amizade e amor inquebrantável! Súbito, porém, ao trote largo da alimária, avistou a casa de Lizarda, com as suas seis janelas de rótulas vermelhas, a porta larga, de badrame de pedra, fronteando a praça. Que surpresas o aguardavam dentro de alguns segundos? Misteriosos arcanos da sorte pareciam com prazer-se em

tornar-lhe ainda maior a tortura naqueles momentos de rara intensidade emocional.

De frente à casa, várias pessoas se agrupavam, pela calçada, num aspecto indicativo de que algo de extraordinário se passava. Devia ser a festa das núpcias. E como para mais assegurar-lhe aquela suposição, viu adejar, na brisa suave da tarde, uma cortina branca na janela da sala grande que abria para o oitão.

La consumir-se, por sem dúvida, aos seus olhos, o drama que envolvera de uma sombra espessa os dias mais belos da sua mocidade. Pessoas entravam e saíam e a vasta casa parecia regurgitar. Já mais perto, distinguiu o vigário, o padre Gularte, na sua samarra negra, com a cinta cor de vinho; o sargento-mór de milícias, empertigado em seu uniforme azul com alamares dourados; o cirurgião, de rodaque cor de cinza. Conversavam a um canto da janela, no vasto salão onde luzes começavam a fulgir, nos amplos e custosos candelabros de prata velha, Súbito, já ao facear a primeira janela, acudiu-lhe, num relance, a explicação simples, natural, mas imprevista, de tudo aquilo: sobre uma mesa, entre quatro círios longos e esguios, quase sumida sob os montões de flores, linda no seu vestido alvíssimo de noiva — Lizarda, a formosa Lizarda celebrava os seus sponsais com o Príncipe de mãos geladas e de olhos

tristes, que ama colher em botão as flores mais belas da vida...

E aí está como a morte de alguém que muito amamos, de alguém estremeçada com todas as veras d'alma, de alguém cuja lembrança viveu dentro de nós longamente, nos anseios da ausência, pode trazer-nos alívio e até mesmo consolação...

Nota de pesquisa - Outras publicações:

1) REVISTA DAS ACADEMIAS DE LETRAS, por Federação das Academias de Letras do Brasil, 1941, p. 7.

AS FLORES DE SINHA CUSTÓDIA

A D.^a Maria Müller

Quem, há um século atrás, nesta cidade do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, não conhecia “a formosa D.^a Custódia Maria de Santa Cruz, filha do sargento-mór António Joaquim Moreira Serra, senhor do engenho “Santo António”, e esposa do capitão José Ramos e Costa, homem de negócios, dono de lavras e possuidor de numerosa escravaria?

Nascida quando o século nascia, no dia de Santa Cruz do ano de 1801 — e daí lhe vinha o nome — era a quinta filha do rico “boava” que foi um dos senhores rurais de mais sólidos haveres e vasto prestígio nos primeiros anos da era de oitocentos.

Serra, natural de Nordelo, viera moço para o Brasil e ávido de grangear uma situação de fortuna que puzesse em destaque no meio dos patrícios, rumou, para Mato Grosso, onde graças à sua tenacidade, de trabalho e espírito parcimonioso,

com pouco era um dos homens mais abastados do seu tempo.

Tomou por mulher Maria Ignácia Leme de Brito, de marcada linhagem paulista, por seu pai, Manoel Nunes de Brito Leme, aparentado com os Bicudos, Arrudas e Botelhos, que Pedro Taques arrola na sua Nobiliarquia Paulistana.

Sua avó, lhe herdou o nome de Custódia, era porém, cuiabana, tendo assim a correr-lhe nas veias sangue luso, bandeirante e indígena, num caldeamento que deveria fazer daquela creatura privilegiada um expoente racial, de componentes os mais diversos.

De pequena, já se lhe acentuavam, com a beleza maravilhosa de atraente flor dos trópicos, os traços de um character original, imperioso, e pouco afeito ao jogo da submissão a que os costumes patriarcais da época traziam enfreada a mulher.

Por mais de uma vez, no “engenho”, menina ainda, no desabrochar viçoso dos seus dez anos, que representavam 12 ou mais, dera largas indomável temperamento, em que a natureza violenta da terra meio selvagem parecia querer explodir em cóleras, como quando sacudida pelas tempestades e agosto, estúia, formidável e histérica, no rugir das borrascas insopeadas.

O pai, homem pacato e “bom-será”, advertia, ao vê-la crescer assim, tão voluntariosa.

— Tóda, você vai sofrer muito. Neste mundo, o melhor é a gente se acomodar com as coisas, do que pretender que elas se acomodem com o nosso querer. E fazia ver a mulher que era tempo de ir contrariando aquelas vontades exageradas da menina, para poupar-se a futuros desgostos.

Não houve, porém, como evitar que a linda moreninha crescesse em gênio, como nos encantos que, dia a dia, a faziam mais sedutora.

Aos quinze anos era o *ai Jesus* da terra, o feitiço dos rapazes e dos velhos, quando, na sua cadeirinha tirada por dois possantes negros do “engenho” passava, toda em sedas, faiscante de jóias, pelas ruas de Cuiabá colonial, radiosa e petulante, como rainha cônica do seu poder sem se dignar lançar a esmola de um olhar aos que lhe mendigavam, das esquinas ou das janelas, a graça misericordiosa da mais ligeira atenção.

Custódia só tinha um pensamento: casar-se com o homem mais rico da terra.

E esse homem não demorou a aparecer-lhe no seu caminho, na pessoa do português Ramos e Costa, o mais velho de quatro irmãos, todos ricos e de prestígio.

Mais velho do que ela mais de três vezes, gasto por uma agitada mocidade, Ramos ainda ostentava, porém: óptima aparência e não fazia má

figura ao levar à Igreja a mais formosa cuiabana daqueles tempos.

Casaram-se e Custódia passou a viver no tristonho casarão do esposo ali à rua do Meio esquina do beco, verdadeiro solar colonial com os fundos até a rua de Baixo, onde se erguia o sobradinho, que lhes servia de dormitório.

Não entrou porém com o pé direito na sua nova morada.

Acostumada à liberdade do “engenho” e ao império discricionário que exercia na casa paterna, Custódia sentiu que uma vida nova se lhe abria, na qual ou teria de submeter-se ou de abrir luta ferrenha e sem tréguas.

O marido, já velho e doente, era todo nervos e exaspero ante a menor contrariedade.

Os escravos pelavam-se de medo do “sinhõeio” e viram, com fagueira esperança, entrar na casa aquela linda “sinhá”, tão bem apessoada, mal comparando uma Nossa Senhora da Conceição.

Se nem ela abrandasse o gênio do “bicudo”, ninguém mais.

Pois, longe de abrandar, foi-lhe um excitante pior.

Passado o fervor da lua de mel, os êxtases deliciosos daqueles primeiros dias, abriu-se na

vasta e silenciosa casa de Ramos e Costa, um precipício, pior que o próprio inferno.

Não houve ali mais um dia de paz.

A linda Custódia nunca mais conheceu um afago de Ramos, que, habituado a viver a gandaia, nas constantes viagens, às lavras, nas freqüentes saídas a negócio, para aqui para ali, se esqueceu, com poucos dias, que era o esposo da mais formosa das moças da terra.

Outra, com mentalidade das mulheres do seu tempo, se conformaria facilmente com esse estado de coisas e a vida continuaria a correr o seu rumo certo e igual — em que, em muitos lares de antanho, a mulher se convertia no animal ,doméstico, que se tinha apenas para dirigir a casa, cozer as roupas do marido e castigar os escravos, quando insubmissos.

Custódia, porém, reagiu. Increpou ao esposo, cara a cara, o abandono a que se via votada.

Disse-lhe que a ser uma escrava, embora de 1.^a classe, na casa do marido, preferia, ser a última das filhas no “engenho” donde ele fora tirá-la.

O “boava” respondeu-lhe grosseiramente que a mulher que sai da casa do marido, mesmo que seja para voltar a do pai, é, uma ,desclassificada.

Brigaram. E, como de facto, a moral da esposa era essa, o sargento-mór recusou-se a receber a filha engeitada e Custódia teve de viver no próprio lar conjugal, solitária e espezinhada como flor que nem o mais leve orvalho do céu acaricia.

Longa e penosa foi a sua tragédia.

Ramos só lhe falava na presença de estranhos, fingindo, nessas ocasiões, solitudes e cuidados que mais a revoltavam.

Mesmo diante dos escravos, não se dava ao luxo da simulação.

Tratava-a secamente, dando ordens.

Nada lhe faltava, é verdade, e o tratamento que tinha seria invejável se lhe não faltasse o que mais lhe faltava — o amor, a ternura, alimento essencial, única vitamina de que se nutrem as almas sensíveis e impetuosas como a dela.

Não fosse a velha mamá Roberta, que ela trouxe do “engenho”, e a assistência sempre carinhosa do Mestre Felipe, velho amigo da casa, que a consolava e divertia com a sua palestra gaiata, certo ela já teria morrido de tédio, de melancolia. Até isso, entretanto, acabou, pois Ramos arranhou meio de pôr para fora da casa o antigo professor.

Custódia não fazia e quase não recebia visitas. Ramos era de um ciúme mórbido. Dava-se carta branca para fazer o que bem quisesse, mas a mulher, coitada, vivia mais presa que uma castelã da idade média, no seu donjão de pontes levadiças.

E os dias, longos, como se tivessem 48 horas, e os meses, compridos, como se fossem de 60 dias, e os anos imensos, qual se compostos de 24 meses,

passavam, num arrastar de água-morta, empoçada e quase sem correnteza.

Cuiabá vivia dias agitados. Depunha-se Magessi; organizava-se a Junta Provisória, arrebatavam-se de Vila Bela as rédeas da hegemonia política, morria o bispo D. Luís, preparava-se a fogueira da “rusga” — mas de nada se apercebia, no claustro doméstico de cerca de 20 anos, a infeliz Custódia.

Ramos partiu para a Corte pouco antes de explodir o motim nativista de 30 de maio.

Viagem de negócios, coisa aí para 5 ou 6 meses, com tropa carregada. Custódia definhava a olhos vistos. A garrida flor morena que parecia irradiar um esplendor de mocidade e de graça, era agora uma triste flor desbotada, e amarelecida, ambarina, açafroada, a mirrar-se dia a dia na penumbra do casarão sombrio, em que entrara um dia, coberta do véu nupcial promissor de venturas e que para ela se transformara na mais dura estamemha de cativa.

Deus nem sequer lhe dera o consolo de um filho, nem esse confortador amparo da fé robusta, que atenua todos os sofrimentos.

Criada como fora, num à vontade muito grande, não teve tempo sequer para apurar as virtudes de crença e resignação, que fariam dela uma heroína, se soubesse viver a sua vida.

NO TEMPO DA CADEIRINHA

Era apenas uma revoltada, que se consumia no seu suplício lento.

Na véspera da partida, Ramos veio à Camarinha despedir-se.

A linda moça que ele havia trazido para a sua esposa, era quase uma múmia. Morria aos poucos, sem moléstia nenhuma.

— Quer alguma coisa da Corte Sinhá? — perguntou Ramos, como era seu costume.

— Quero, disse ela, num fio de voz. Leve “aquilo” — e apontou um embrulho sobre o toucador — para o altar de Nossa Senhora das Dores da “Igreja da Glória... É uma oferta minha. Ramos abriu, desconfiado, o invólucro: era um lindo ramo de flores, imitando mármore branco, que ele dera à noiva no dia do casamento.

Despediu-se secamente, com um beijo frio na testa, e partiu.

No Rio ele soube da tremenda deflagração de 30 de maio.

Mataram-lhe o sogro, velho e trôpego, um concunhado, o Tte. Manoel Pinheiro de Almeida, e muitos dos seus paisanos morreram, vítimas da sanha dos nativistas embriagados de ódio e de cobiça.

Ele mesmo sofreu a perda de boa parte de seus haveres, saqueadas as suas casas de Cuiabá e Diamantino.

JOSÉ DE MESQUITA

Não pensou, uma vez, na mulher, do que teria sido feito dela no meio daquele horror.

Um dia, uma clara manhã de agosto, Ramos se levantou sentindo qualquer coisa de anormal, um peso estranho no coração.

Que seria? Prenúncio de novas tragédias?

Ao vir do banheiro, ele, entrando no quarto, viu claramente, de pé junto à mesinha do bidê, Custódia toda de branco, que o olhava fixamente, num misto de tristeza e de piedade.

Sentiu-se vítima de uma alucinação mas sem coragem de avançar para ela.

A visão esvaiu-se como a neve ao sol... Ramos notou que sobre a mesa se achava o embrulho das flores — abriu-o.

As flores nêveas, cor de jaspe, estavam inteiramente negras.

A essa hora, numa remota cidade, no mais fundo dos sertões, havia parado, na suprema síncope libertadora, o coração dolorido de uma pobre mártir...